

O EVANGELHO DE BUDA

Compendio de obras budistas
por

PAUL CARUS

A essência dos ensinamentos de Buda se acha condensada em três livros ou coleções, chamados os cânones budistas (Trípitakas), cuja idade se pode fixar, de maneira geral, no século quarto a.C. e possivelmente na época do grande Instrutor. O primeiro (Vinaya Pitaka) atribuído aos primeiros budistas trata da Disciplina da Ordem (ou Sangha); o segundo (Sutta Pitaka) se refere às Pregações Leigas, ou às regras para os sacerdotes e ascetas, e o terceiro (o Abidhama), condensa dissertações filosóficas e metafísicas, e instruções sobre a meditação (Dhyana).

Foi dessa fonte, a que têm se debruçado e abeberado tantos e tão notáveis sábios e orientalistas, que o autor desta obra colheu os preciosos ensinamentos e informações que ele denominou “O Evangelho de Buda” e que com feliz maestria procurou amoldar à mentalidade ocidental num estilo simples e elegante. O fato de ter sido também um oriental, e acima de tudo, de ter podido aprender, assimilar e viver a cultura oriental em sua mais pura nascente, o capacitou, naturalmente, para penetrar até o âmago dos ensinamentos budistas, e assim sentir todo o seu calor, luz e dinamismo, para formar uma verdadeira antologia do que há de mais magnífico, essencial e inspirador na vida do venerando Sábio que um terço da humanidade adora.

I — ALEGRIA

Regozijai-vos com a boa nova. Nosso Senhor descobriu a raiz do mal. Mostra-nos o caminho da salvação. O Buda dissipa as ilusões de nossa mente e livra-nos dos terrores da morte.

O Buda, Nosso Senhor, traz descanso ao fatigado, ao desanimado e ao descontente; proporciona paz aos acabrunhados sob o peso da vida. Dá valor aos fracos, próximos a perder a esperança e a confiança em si mesmo.

Vós que sofreis as tripulações da vida, que lutais e padeceis, que aspirais a verdadeira vida, regozijai-vos com a boa nova.

Eis aqui um bálsamo para os feridos, e o pão para os famintos. Eis aqui a água para os sedentos, e a esperança para os desesperados. Eis aqui a luz para os que estão em trevas, e a inesgotável ventura para os justos.

Curar-vos-eis de vossas feridas, os feridos; comereis vosso pão, os famintos; extinguireis vossa sede, os, sedentos. Alçai os olhos para a luz, vós que estais em trovar; e recobrai ânimo, vós abatidos.

Tende confiança na verdade, vós que amais, porque o reinado da verdade está fundado na terra. A luz da verdade já dissipou as trevas do erro. Podemos ver nosso caminho e andar com passos firmes e seguros.

O Buda Nosso Senhor revelou a verdade.

A verdade cura nossas enfermidades, e salva-nos da perdição. A verdade fortalece-nos na vida e na morte. Só a verdade pode destruir os males do erro

Regozijai-vos com a boa nova.

II — SAMSARA E NIRVANA (*)

[Termos sânscritos. Samsara significa literalmente ação de vagar, constante mutação ou transição. É a passagem alternativa da alma pelos três mundos: físico, astral e mental; os renascimentos e mortes sucessivos. Nirvana, o oposto de Samsara, é um estado permanente e eterno de consciência desperta e liberta. Esse termo significa literalmente sem combustível, extinto, e foi definido primitivamente por alguns orientistas ocidentais como um estado de aniquilamento do ser, à semelhança de uma gota d'água diluída no oceano, o que é totalmente errôneo. Representa, ao contrário, um estado de plena consciência, cuja beleza, intensidade e poder excedem a toda capacidade descritiva da linguagem humana. É a vida do Espírito, que se desabrochou e expandiu em seu próprio mundo ou lar, liberto de qualquer limitação de espaço e tempo a que se condicionam as formas transitórias. Quem tenha a ventura de atingi-lo, longe de se aniquilar, converte-se numa tremenda força liberadora, que perpetuamente projeta poderosas torrentes de espiritualidade e vida sobre a sofredora humanidade.]*

Olhai ao vosso redor e contemplai a vida.

Tudo é passageiro e nada duradouro. Só nascimento e morte, crescimento e decadência, combinação e dissolução.

A glória do mundo é como uma flor esplêndida pela manhã e murcha à tarde.

Onde quer que olheis, ali está o receio e o impulso, a corrida ávida aos prazeres, o medo da dor e da morte, a vaidade, e o desejo de mudanças e transformações. Tudo é Samsara.

Não há nada permanente no mundo? Na inquietude universal não há lugar de repouso onde nosso coração encontre a paz? Nada há de eterno? Nunca cessará a angústia? Não se extinguirão os desejos ardentes? Quando poderá estar sossegado e tranqüilo o espírito?

O Buda Nosso Senhor sentiu os males da vida. Viu a vaidade na infelicidade do mundo, e procurou a salvação em algo imarcescível, imperecedouro e permanente.

Vós que aspirais a Vida, sabeis que a imortalidade se oculta no ser perecedouro. Os que desejais felicidade sem germes de inquietude ou de desgosto, segui os conselhos do Grande Mestre e conduzi-vos retamente. Os que desejais avidamente riquezas, vinde e recebereis os tesouros eternos.

A verdade é eterna; não conhece nascimento nem morte; não tem começo nem fim. Chamai a verdade, ó mortais. Que a verdade se aposse de vossas almas.

A verdade é o dom imortal do espírito. A posse da verdade é grandeza, e uma vida de verdade é felicidade.

Estabelecei a verdade em vosso espírito, porque a verdade é a imagem do eterno. O seu retrato é imutável; revela o perdurável; imortaliza os homens.

III — A VERDADE REDENTORA

As coisas do mundo e seus habitantes estão sujeitos a mudanças. São produtos de algo que já existiu anteriormente. Todo ser vivente é produto de seus atos anteriores; porque a lei de causa e efeito é inflexível e sem exceções.

Mas nas coisas que mudam sem cessar, jaz sempre uma verdade oculta. A verdade dá realidade às coisas. A verdade é imutável.

E a verdade deseja revelar-se; a verdade aspira ser consciente; a verdade se esforça em conhecer-se a si mesma.

A verdade existe na pedra, porque a pedra existe verdadeiramente; e não há força no mundo, Deus, homem ou demônio, que possa fingir que não exista. Porém, a pedra não é consciente.

A verdade existe na planta e sua vida pode expressar-se: nasce, floresce e frutifica. Sua beleza é maravilhosa, porém, não é consciente.

A verdade existe no animal: o animal se move, percebe as coisas que o rodeiam, distingue e escolhe. Nele há consciência; porém não tem ainda a consciência da verdade. Existe unicamente a consciência do eu.

A consciência do eu cega os olhos do espírito e oculta a verdade. É a origem do erro, a fonte das ilusões e o germe do pecado.

O eu (*) engendra o egoísmo. Todo mal procede do eu. Toda injustiça é produto da afirmação do eu.

[A filosofia hindu divide o ser humano em Eu superior, que é imortal, espiritual e eterno, e o eu inferior, que é mortal, material e transitório. O texto se refere ao eu inferior.]*

O eu é o princípio de todo ódio, da iniquidade, da calúnia, da impudicícia, da obscenidade, do roubo, da fadiga, da opressão e do derramamento de sangue. O eu é Mara, o tentador, o malfeitor, o criador do mal.

O eu seduz pelos prazeres. O eu promete um paraíso encantador. O eu é o véu do feiticeiro Mara. Porém os prazeres do eu são ilusórios; seu labirinto paradisíaco é o caminho do inferno, e sua beleza uma chama ao calor do desejo.

Quem nos livrará da tirania do eu?

Quem nos salvará de nossas misérias?

Quem nos restabelecerá a vida feliz?

Tudo é miséria no mundo de Samsara; tudo é miséria e sofrimento. Porém, a felicidade da verdade sobrepuja toda miséria.

A verdade dá a paz ao espírito ansioso; vence o erro, extingue as chamas do desejo e conduz ao Nirvana.

Bem-aventurado o que encontra a paz no Nirvana. Está livre das lutas e tribulações da vida; está ao abrigo de todas as transformações; desafia o nascimento e a morte, e permanece indiferente aos males da vida.

Bem-aventurado é aquele em que encarnou a verdade, porque conseguiu seu fim e se unificou com a verdade. É vencedor sem que nada mais possa ferilo; é glorioso e feliz sem sofrimento; é forte mesmo sobrecarregado sob o peso do trabalho; é imortal embora morra. A imortalidade é a essência de sua alma.

Bem-aventurado aquele que alcançou o sacro estado de Buda, porque salvará os seus irmãos.

A verdade reside nele. A perfeita sabedoria esclarece seu entendimento. A justiça inspira suas ações.

A verdade é um poder ativo para o bem, indestrutível e invencível. Cultivai a verdade em vosso espírito e difundi-la pela humanidade, porque unicamente a verdade salva do pecado e da miséria.

A verdade é o Buda, e o Buda é a verdade. Bendito seja o Buda.

O PRÍNCIPE SIDDHARTA ALCANÇA O BUDADO

I — NASCIMENTO DE BUDA

Havia em Kapilavastu um rei sákia, firme em seus propósitos e reverenciado pelos homens, um dos descendentes de Ikchvaku, chamado Suddhodana.

Sua esposa, Mayadevi, era maravilhosamente bela, como um lírio aquático, e de coração tão puro como o lótus. Qual rainha do céu, vivia na terra, imaculada e pura de desejos.

Seu real marido reverenciava-a por sua santidade, e o espírito de verdade desceu sobre ela.

Quando compreendeu que a hora de ser mãe estava próxima, pediu ao rei que a levasse à casa de seu pai, e Suddhodana, atencioso para com sua esposa e pelo filho que ia nascer, acedeu feliz ao seu pedido.

Quando Mayadevi atravessava o jardim de Lumbini, chegou a hora; preparou-se então um leito sob uma elevada árvore com um enorme tronco, e a criança nasceu no alvorecer do dia, radiante e perfeita.

A fausta notícia chegou ao palácio, e o rei Suddhodana mandou que levassem ao jardim de Lumbini o palanquim de refulgentes cores para transportar o recém-nascido.

Então os Anjos, os Lípicas que anotam as ações dos homens, desceram dos mundos superiores para segurar os varais do palanquim, ocultando seu angélico esplendor sob humildes vestimentas de carregadores.

O rei Suddhodana, porém, que ignorava a presença dos quatro Anjos na terra, recebeu presságios funestos que só findaram no momento em que seus advinhos auguraram que o menino seria um príncipe dominador do mundo e dotado dos sete dons celestiais.

Naquele tempo o Rishi (*) Asita levava no bosque uma vida de eremita. Era um brâmane de cabelos grisalhos, cujos ouvidos há muito tempo estavam cerrados às coisas da terra e percebiam somente os sons celestiais. Estando ele em oração sob a árvore baniana, ouviu os cânticos entoados pelos devas em louvor ao nascimento de Buda.

[Rishi, literalmente “revelador”. É um santo sábio ou iluminado, cantor ou poeta de divina inspiração.]*

Pela idade e jejuns, era Asita tão afamado tanto por sua sabedoria como pela sua habilidade em interpretar os designíos humanos e fazer profecias. Por isto, o convidou o rei para ver o régio infante, recém-nascido.

Quando o velho contemplou o príncipe, chorou e suspirou profundamente.

E ao ver o rei as lágrimas de Asita, perguntou-lhe assustado: “Que vistes em meu filho, que vos causou tanto sentimento e tanta mágoa?”

Mas o coração de Asita transbordava de gozo, e reconhecendo que o rei estava preocupado, respondeu-lhe:

“Ó rei, qual lua em sua plenitude, deve Vossa Majestade sentir viva alegria, porque gerou um filho de maravilhosa nobreza.

“Não adoro o Brâma, porém adoro este menino, que os próprios deuses abandonaram seus templos para vir adorá-lo.

“Afasta todo temor e toda dúvida. Os presságios espirituais indicam que o recém-nascido libertará o mundo.

“Mas, lembrai-vos de que sou velho e não pude reter as lágrimas, pois meu fim se aproxima. Teu filho governará o mundo. Nasceu para o bem de toda a criatura e de todo ser vivente.

“A pureza de sua doutrina se assemelhará à margem que recebe o naufrago. Seu poder de meditação será como a frescura de um lago, e toda criatura inflamada no ardor da luxúria se tranquilizará espontaneamente.

“Sobre o fogo da concupiscência se estenderá a nuvem da compaixão, apagando-o com a chuva da lei.

“Ele abrirá as pesadas portas do desespero, e livrará todas as criaturas da trama das redes que elas mesmas teceram com sua loucura e ignorância.

“O rei da lei apareceu para libertar da escravidão os pobres, os miseráveis e os desesperados”.

E prostrando-se ante o berço da criança, Asita exclamou:

“Ó criança! Eu te adoro. És Ele. Vejo a rosada luz impressa na planta dos pés, o suave desenho da suástica, os trinta e dois sagrados signos capitais e os oitenta secundários. Tu serás Buda. Prepararás a lei e salvarás todos os que a aprenderem. Não te ouvirei, porque estou próximo da morte”.

E dirigindo-se ao rei Asita, acrescentou: “Sabe, ó rei, que este teu filho é a Flor da árvore humana, que só produz uma flor após miríades de anos; porém, quando aberta, enche o mundo com o aroma da Sabedoria e o mel do Amor.” Depois disse à rainha:

“E tu, doce rainha, amada dos deuses e dos homens. Devido a este magno acontecimento, já estás demasiado sagrada para continuar sofrendo. Como a vida é sofrimento, daqui a sete dias chegarás sem dor ao fim da dor”.

Quando o rei e a rainha ouviram tais palavras de Asita, ficaram felizes em seus corações e deram à criança que acabava de nascer o nome de Savarthasiddh, que quer dizer “Completa prosperidade”, ou “Êxito feliz”, e num diminutivo carinhoso e familiar a chamarem Siddhartha.

E a rainha disse à sua irmã Pradjapati:

“A mãe que deu à luz um futuro Buda, não terá outro filho. Eu abandonarei logo este mundo, o rei meu esposo o meu filho Siddhartha. Quando eu não mais existir, sê tu sua mãe.”

E Pradjapati, chorando, lho prometeu.

Na sétima noite, a rainha Mayadevi dormiu sorrindo e não despertou mais do seu sono. Passou feliz ao seu Trayastrinshas, onde inumeráveis devas adoram e servem a radiante Mãe.

Quando a rainha morreu, Pradjapati tomou o menino Siddhartha e o educou. E assim como pouco a pouco brilha cada vez mais a luz da lua, a régia criança cresceu dia a dia em espírito e em corpo: A verdade e o amor residiam em seu coração.

II — JUVENTUDE E MATRIMÔNIO

Quando o príncipe Siddhartha completara dezoito anos, o rei mandou construir-lhe três magníficos palácios; um de madeira de cedro, quente, para o inverno; outro de mármore betado, para o estio, e outro de ladrilhos cozidos para o outono.

Ao redor desses palácios floresciam amenos jardins regados de alegres arroios e soalhados de formosos bosquezinhos com lindos caramanchões, onde Siddhartha passava horas felizes, pois sua vida era saudável e o sangue jovem corria em suas veias.

Logo, porém, as sombras do tédio obscureceram a alegria do príncipe, como se algo lhe faltasse para completar aquele bem-estar.

O rei consultou seus ministros, e o mais ancião lhe respondeu:

“O amor curará este leve descontentamento. Entretende seu virgem coração com o feitiço da graça feminina. “Que sabe este jovem da formosura, o que sejam os encantadores lábios, ou os olhos que jogam o céu no esquecimento? “Uní-o a uma doce esposa, porque facilmente um cabelo de mulher ata melhor os pensamentos que nem cadeias de bronze poderiam sujeitar”.

E o rei replicou:

“Se lhe buscarmos esposas, o amor seguramente escolherá com outros olhos, e se lhe apresentarmos um jardim de belezas para que escolha à flor que mais o agrade, receberá com doce sorriso o gozo que ignora.”

O ministro retrucou:

— Ordena, ó rei, um festival em que as donzelas do reino desfilem em graça e juventude nos afamados desportes dos sákias. Que o príncipe outorgue o prêmio à formosura, e quando as vencedoras passarem em frente do seu trono, notaremos se alguma consegue desvanecer a persistente tristeza de seu semblante juvenil. Assim poderemos escolher para o Amor com os próprios olhos do Amor”.

O rei aceitou este conselho, e conseqüentemente, desde o dia seguinte os pregoeiros convidaram donzelas formosas para assistirem ao concurso de beleza que se celebraria no palácio, onde o príncipe distribuiria prêmios; um objeto de arte para cada uma, e outro de maior valor para a mais formosa.

As donzelas de Kapilavastu encheram os jardins do palácio, ataviadas de vistosos trajes de lindas cores.

Lentamente foram desfilando ante o trono, com os olhos fixos no chão, e sem se atreverem a erguê-los.

Chegou a última, a jovem Yasodhara.

Os que estavam junto ao príncipe, viram que ele se perturbou quando se aproximou a radiante jovem cujas formas pareciam esculpidas no céu.

Seu ar era como a da deusa Parpati, seus olhos como os de uma corça na estação do amor, e seu rosto de inefável encanto.

Foi a única que ousou olhar o príncipe frente a frente, com as mãos cruzadas sobre o peito e erguido o gracioso colo.

A donzela perguntou-lhe sorridente. — Há prêmio para mim? O príncipe respondeu-lhe:

— Acabaram-se os prêmios; porém toma este em compensação, querida irmã, porque de tua graça se orgulhara toda a nossa ditosa cidade.

Dito isto, tirou o príncipe seu colar de esmeraldas o cingiu com as verdes contas o pescoço da jovem.

Encontraram-se seus olhos e daquele olhar brotou o amor.

Yasodhara era filha de Suprabuda, monarca do reino vizinho, e segundo a lei dos sákias, quando alguém pedia em casamento uma mulher de nobre estirpe, tinha que demonstrar sua destreza nas artes de guerra e em torneio contra os demais pretendentes.

Siddhartha venceu todos seus rivais nas provas de arco, de espada e de carreira hípica.

O rei Suprabuda disse então a Siddhartha:

“Nosso coração desejava ver-te alcançar o pre mio, porque és o preferido, porém como conseguiste aprender em meio de uma vida calma e sonhadora, o que outros não conseguiram aprender na caça nem na guerra, nem nas porfias do mundo? Recebe, ó príncipe, o tesouro que ganhaste.

A estas palavras a amável jovem levantou-se de seu assento e passando entre a multidão, pegou uma grinalda de jasmims, cobriu sua frente com o véu preto salpicado de ouro, e chegou-se aonde Siddhartha estava.

Inclinou-se ante o príncipe a jovem, cujo semblan-le irradiava a celeste alegria de um amor feliz, e apoiando sua cabeça sobre o peito de Siddhartha, prostrou-se aos seus pés, dizendo com os olhos radiantes de felicidade:

— Amado príncipe. Olha-me. Sou tua.

O rei Suddhodana deu-lhes o formoso palácio de Vishramvan.

III — AS TRÊS DORES

O palácio dado ao príncipe pelo rei resplandecia com todo o luxo da Índia, porque o rei queria que seu filho fosse feliz.

Tudo quanto parecesse doloroso para ser contemplado, todas as misérias e todas as noções de sofrimento, foram afastados de Siddhartha, para que ele ignorasse os males do mundo.

Porém, assim como o elefante cativo suspira pelas selvas, o príncipe se impacientava por ver o mundo, e pediu ao rei, seu pai, permissão para satisfazer seu ardente desejo.

Então Suddhodana mandou atrelar quatro magníficos corcéis num carro adornado de pedrarias, e ornamentar os caminhos por onde Siddhartha deveria passar.

As casas da cidade se engalanaram com cortinas e bandeiras, e os espectadores, alinhados de cada lado, contemplavam avidamente o herdeiro do trono. Assim passou Siddhartha com Channa, seu cocheiro, pelas ruas da cidade, e atravessou a campina sulcada de arroios e povoada de frondosas árvores.

Em determinado lugar, encontrou um velho. Ao ver o príncipe aquele corpo encurvado, aquele rosto envelhecido com um sulco de dor entre as sobrancelhas perguntou ao cocheiro: “Quem é esse? Sua cabeça é branca, seus olhos tremem e tem o corpo maltratado. Apenas pode sustentar-se com um bastão!”

O cocheiro, embaraçado primeiro, atreveu-se por fim a dizer a verdade, e respondeu: Esses são os sinais da velhice. Esse homem foi uma criancinha e, depois, um adolescente cheio de entusiasmo e de prazer; porém os anos se passaram; agora seu garbo terminou e o vigor de seu corpo desapareceu.

Siddhartha, profundamente aflito pelas palavras do cocheiro, suspirou por causa do sofrimento da velhice e disse de si para si: “Que gozo e que prazer podem experimentar os homens, quando sabem que a velhice virá e os fará sofrer e caminhar lânguida-mente?”

E em seguida, por onde passavam, apareceu de um lado do caminho um enfermo, ofegante, as feições desfiguradas, convulso e gemendo de dor.

O príncipe indagou do cocheiro: “Que classe de homem é essa?” E o cocheiro tornou: “Esse homem está enfermo. Os quatro elementos de seu corpo estão confundidos e em desordem. Todos estamos sujeitos aos mesmos acidentes: o pobre e o rico, o ignorante e o sábio. Todas as criaturas que têm corpo estão expostas ao mesmo mal.”

E Siddhartha se comoveu ainda mais. Todos os prazeres lhe pareciam vãos, e sentiu desgosto pelos prazeres da vida.

O cocheiro fustigou o cavalo para fugir de tão triste espetáculo, porém logo pararam em sua rápida carreira.

Quatro pessoas passavam levando um cadáver; e o príncipe, enternecido ante a visão do corpo privado da vida, interrogou ao cocheiro:

“Que levam essas pessoas? Vejo umas bandeirolas e umas grinaldas de flores; porém os homens caminham tristes e pesarosos.”

O cocheiro lhe informou: “É um morto, seu corpo está rígido, a vida fugiu dele, o seu pensamento se extinguiu. Sua família e os amigos levam agora seu corpo para o sepulcro.”

E o príncipe, cheio de horror e espanto, perguntou: “É isto uma exceção, ou há no mundo outros exemplos semelhantes?”

Com o coração oprimido, respondeu-lhe o cocheiro: “Isto é igual para todos. Todos os que nascem devem morrer. Ninguém escapa da morte.”

Com a voz apagada e balbuciante, o príncipe exclamou: “Ó homens mundanos. Quão fatal é vosso erro. Inevitavelmente vosso corpo se transformará em pó, e não obstante continuais vivendo, descuidados e despreocupados”.

O cocheiro, vendo a profunda impressão que aqueles lúgubres espetáculos causaram no príncipe, voltou para trás e entrou novamente na cidade.

Ao passar pelo palácio da jovem princesa, sobrinha do rei, esta, surpreendida com a beleza varonil de Siddhartha e vendo-o preocupado, exclamou: “Di-toso o pai que te engendrou; ditosa a mãe que te criou; ditosa a mulher que deu o nome de seu marido a um homem tão glorioso.”

Ouvindo o príncipe este elogio, respondeu: “Ditosos são os que encontraram a salvação. Aspirando a paz do espírito, eu buscarei a felicidade do Nirvana”. E ofereceu-lhe seu colar de pérolas preciosas, como para recompensá-la da lição que lhe havia dado, e entrou no seu palácio.

IV — A RENÚNCIA

Certa noite, o príncipe estava repousando e repentinamente se levantou e saiu para o jardim. Ah! exclamou; o mundo está cheio de trevas e ignorância; ninguém sabe como curar os males da existência.” E suspirou dolorosamente”.

Yasodhara atirou se aos seus pés, suspirando aflita e dizendo:

“Não encontra meu Senhor a felicidade em mim?” Siddhartha respondeu:

Ah! querida esposa. Essa felicidade lacera a minha alma ao pensar que terá fim e envelheceremos sem amor, repulsivos, débeis, encurvados. Sim, ainda que os nossos lábios tenham sido tão fortes selos da vida e do amor, que noites e dias fosse um só o nosso alento; e se interrompesse entre ambos o tempo para arrebatarmos tua paixão e tua beleza, como a negra noite apaga os rosados raios que brilham no cume dos montes e os cobre com seu sombrio cendal, eis o que descobri: meu coração estremeceu de espanto a esta idéia, e todo meu ser só pensa em resguardar o amor dos ataques do implacável tempo, que envelhece os homens.

Toda aquela noite o príncipe passou inconsolável e insone. No dia seguinte pediu a seu pai que o deixasse ver a cidade tal qual era, sem atavios nem preparativos de ilusória festa, na vida costumeira dos homens que não são reis.

Aquiesceu o rei Suddhodana, e na hora em que o sol passa pelo meridiano, Siddhartha saiu disfarçado de mercador, e o cocheiro Channa com hábito religioso, e caminharam a pé pelas ruas, confundidos entre os cidadãos, olhando tudo quanto de alegre e triste existia na cidade.

Ao chegarem ao rio, viram uma comitiva de pessoas tristes e chorosas que a passos apressados se aproximavam da margem.

À frente ia um homem agitando uma taça de barro cheia de brasas. Seguiam-no os parentes mal vestidos e com a cabeça coberta de luto.

Depois vinha o féretro composto de quatro varas com um leito de pedaços de bambus entrelaçados, onde jazia um cadáver rígido, emagrecido, com os pés para a frente, a boca cerrada, os olhos vidrados, as mãos crispadas, coberto de um pó vermelho e amarelo.

Os que o carregavam conduziram o féretro até a margem do rio, onde estava disposta uma pira sobre a qual o colocaram, cobrindo-o com folhas secas.

Em seguida acenderam fogo dos quatro lados. A chama brotou subitamente, lambendo a pira, e devorou o cadáver com suas sibilantes línguas de fogo.

Rasgou-se a dessecada pele e desprenderam-se as articulações.

Por fim clareou o fumo da gordura e as cinzas caíram pardas e vermelhas, com pós de ossos brancos que salpicavam a cor das cinzas.

Era tudo quanto restava do homem. O príncipe disse:

— Este é o fim de todos os viventes? Channa respondeu-lhe:

— Este é o fim de todos.

O que viste na pira e cujos restos são tão desprezíveis que os corvos grasnantes desdenhariam como fútil manjar, já comeu, bebeu, riu, amou e achou grata e prazenteira a vida.

Porém, o que sobrevém depois? Quem o sabe? Um violento sopro de ar da selva, um tropeço no caminho, algo sujo na cisterna, a picada de uma cobra, meio palmo de irritado aço, um resfriado, a espinha de um peixe, a queda de uma telha, a vida escapa e o homem morre.

Já não tem apetites, nem prazer nem dores.

Nada significa para ele um beijo na boca nem uma queimadura nos lábios. Não sente o mau cheiro de sua tostada carne, nem o perfume do sândalo,

nem os aromas que ardem na pira.

Sua boca perdeu o paladar, não ouvem seus ouvidos, nem vêem seus olhos.

Desolados, gemem aqueles que ele amava, porque também é preferível destruir o corpo que era a lâmpada da vida, do que dar um horrendo festim aos corvos.

Tal é o destino comum de toda carne.

Altos e baixos, bons e maus, têm que morrer; e segundo nos ensinam, renascem depois para uma nova vida... onde? como? quem sabe?

E outra vez as angústias, a morte e as chamas da pira. Tal é o destino do homem.

Siddhartha ergueu ao céu os olhos em que brilhavam lágrimas divinas, e em seguida baixou-os ao chão, inundados de celeste piedade.

Contemplava alternativamente o céu e a terra, como se em solitário vôo seu espírito buscasse alguma visão longínqua que unisse o céu à terra.

Depois, ansiosamente, inflamado pela ardorosa paixão de um amor inefável, de uma infinita e insaciável esperança, exclamou:

— Oh! triste mundo. Oh! os seres de minha carne, conhecidos e desconhecidos, presos nesta rede comum de mortes, vida e dores que a todos nos atam.

Vejo o sinto a imensa agonia do mundo, a vaidade de seus gozos, a ilusão de sua felicidade, a angústia de seu infortúnio, pois que ao prazer substitui a dor, a juventude ilude a velhice, ao amor a perda do ser amado, à vida a odiosa morte, e a morte em ignotas vidas que de novo atam os homens à sua roda para girar em círculo de ilusórios deleites e reais sofrimentos.

A mim também me alucinou este sonho, e parecia-me agradável viver a vida como luminoso regato que flui sem cessar em inalterável paz, e cujo buliçoso caudal desliza ligeiramente pelos floridos prados para jorrar mais apressado suas águas no impuro mar.

Caiu o véu que me cegava!

Sou como estes homens que em vão imploram aos deuses que não os ouvem.

No entanto, algum auxílio há de existir para eles e para mim, e para todos os que necessitarem de ajuda.

Será que os deuses também estão precisando de auxílio? são tão fracos que não podem salvar os que com tristeza nos lábios os invocam?

Não deixarei chorar os que puder salvar!

Como é possível que Brama criasse o mundo para abandoná-lo na miséria? Se é onipotente e o deixa miserável, não é bondoso, e se não é onipotente, não é Deus.

Siddhartha sentou-se sob a frondosa árvore Bo, chamada também Azvattha, ou Banano, e entregou-se aos seus pensamentos, meditando sobre a vida e a morte, os males e a decrepitude. Concentrando seu espírito, libertou-se de toda confusão. Todos os vis desejos desapareceram de seu coração e uma calma perfeita o inundou completamente.

Nesse estado de êxtase viu com seu olho mental toda a miséria e dor existentes no mundo; viu as dores causadas pelo prazer e a inevitável certeza da morte que pesa sobre todos os seres. No entanto, os homens não despertaram ainda para a verdade. E urna profunda compaixão invadiu sua alma.

Enquanto meditava sobre o problema do mal, o príncipe viu com o olho de seu espírito, sob as árvores, uma venerável figura revestida de majestade, calma e dignidade. Perguntou-lhe: “Donde vens? Quem és?”

A visão lhe respondeu: Sou um samana. Atormentado pelo pensamento da velhice, da enfermidade e da morte, fui de lugar em lugar para buscar o caminho da salvação. Todas as coisas se precipitam para a ruína; só a verdade é eterna.

Tudo muda e nada dura; unicamente as palavras dos Budas são imutáveis. Eu aspiro a felicidade inalterável, o tesouro imperecedouro, a vida sem princípio nem fim. Por isso destruí todo pensamento mundano e retirei-me para o deserto para viver em solidão e mendigar o meu sustento, e assim me consagrei à única coisa necessária”.

Siddhartha perguntou-lhe: “E como pode alguém obter a paz neste mundo agitado? Já transpus a vaidade e o prazer e tenho horror da voluptuosidade. Tudo me entristece e a vida mesma se me tornou intolerável”.

O samana lhe respondeu: “Onde há calor também pode haver frio. Os seres sujeitos à dor possuem a faculdade de gozar. À origem do mal ensina que pode existir o bem. Porque estas coisas são correlatas. Assim, onde há muita desgraça, haverá muita felicidade, contanto que os olhos se abram para vê-la.

“Da mesma maneira que aquele que cai na lama procura um lago de lótus para limpar-se, também o pecador busca o grande lago imortal do nirvana para se limpar do pecado.

“Se o que está sujo de lama não busca o lago, não quer dizer que o lago não existe. Assim, também, quando existe uma senda santa que conduz ao nirvana, e o homem sujeito ao pecado não a busca, a falta não está na senda e sim no pecador.

“Se um enfermo não chama o médico que pode curá-lo, a culpa não será do médico se ele morrer, e sim, do enfermo”.

“Da mesma forma, se o enfermo da alma não busca o guia espiritual da luz, a culpa não será do guia se o doente da alma continua enfermo.”

O príncipe escutou as nobres palavras de seu visitante e lhe respondeu: “Mensageiro sois de boas novas, porém não sei se cumprirei meu propósito. Meu pai me incita a gozar a vida e a sujeitar-me aos deveres mundanos que me dão nobreza e enaltecem minha casa. Disse que sou muito jovem e que meu coração ainda palpita demasiado fortemente para me entregar à vida religiosa”.

A venerável aparição moveu a cabeça em sinal de incorfomação e respondeu:

“Para buscar a verdadeira religião, jamais houve tempo e falta de tempo.” O coração de Siddhartha palpitou de alegria, e ele disse:

“Este é o momento de buscar a verdadeira religião. É o instante propício para romper os laços que me impedem de alcançar a perfeita iluminação. Esta é a hora de aceitar a vida mendicante e de encontrar a senda da libertação.”

O celeste mensageiro, satisfeito com a resolução de Siddhartha, disse-lhe: “Com efeito, está é a oportunidade que deparas para encontrar a verdadeira

religião. Vai e cumpre teu propósito, porque és o Buda escolhido e destinado a

iluminar o mundo. És o perfeito Tathágata, porque cumprirás toda justiça e serás o verdadeiro rei do Dharma. És Bhagavad, o Bendito, porque hás de ser salvador do mundo.

“Vai e cumpre a perfeição da Verdade. Mesmo que sobre tua cabeça caia o raio, não cedas jamais à ilusão que desvia o homem da senda da Verdade. Assim como o sol não se detém em nenhuma das quatro estações do ano, não te afastes da senda da justiça. Serás Buda.

“Persevera em teu caminho e encontrarás o que buscas. Prossegue até o

fim sem desviar-te, e alcançarás o prêmio. Combate denodadamente e vencerás. Que a bênção dos deuses, dos santos de todos os que buscam a luz, seja contigo, e que a celeste sabedoria guie teus passos. Serás o Buda nosso Amo e Senhor.

Iluminarás o mundo e salvarás a humanidade da perdição”.

Dito isto, desapareceu a visão celeste e a alma de Siddhartha ficou em paz.

V — O REI BIMBISARA

Siddhartha cortou sua bela cabeleira e trocou as régias vestimentas pelo rústico burel amarelo. Ordenou a Channa, o cocheiro, que regressasse a Kapilavastu com o nobre corcel Kanthaka e dissesse ao rei, seu pai, que ele tinha abandonado o mundo.

E o Tathágata vagou pelas estradas esmolando de concha na mão.

Mas a pobreza de seu aspecto não podia encobrir a majestade de seu espírito. Seu nobre porte denunciava sua régia origem, e de seus olhos irradiava o fervoroso anseio pela Verdade. Sua juvenil beleza aformoseada pela santidade, nimbou sua fronte. Todos os que o viam, contemplavam-no assombrados. Os mais apressados detinham os passos e voltavam-se para olhá-lo, e todos lhe tributavam homenagens.

Ao entrar na cidade de Rajagriha, o príncipe mendicante foi de casa em casa, esperando silenciosamente que alguém lhe desse a esmola.

Por toda a parte aonde ia o bem-aventurado, as pessoas lhe davam o que tinham, prostravam-se humildemente ante ele e lhe agradeciam o não desdenhar de aproximar-se de suas casas.

Todos exclamavam comovidos: “Eis aqui um Samana (asceta), é uma bênção. Que felicidade nos aguarda!”

Depressa sua vasilha se enchia, porque todos os vizinhos gritavam: “Toma do nosso alimento. Senhor. Toma do que é nosso”.

O rei Bimbisara, observando a comoção da cidade, indagou a causa, e averiguada, enviou um criado para identificar o mendicante forasteiro.

O criado soube que o muni era um sákia de nobre estirpe, que tinha se retirado para as margens de um riacho do bosque e comia o que as pessoas lhe depositavam na vasilha.

Comovido, o rei vestiu seus régios ornamentos, colocou sua cruz de ouro, empunhou o cetro, e acompanhado de seus anciãos e sábios conselheiros, foi ao encontro do misterioso forasteiro.

O rei encontrou o muni de raça sákia sentado à sombra de uma árvore, e admirando a tranqüilidade de seu semblante e a distinção de seus gestos, saudou-o respeitosamente e lhe disse:

“Ó Samana! Tuas mãos estão feitas para manejar as rédeas de um império e não para suster a vasilha do mendigo. Se eu não adivinhasse que eras de estirpe real, não te suplicaria que te associasses a mim para governar meu reino e participar do meu poder. O desejo do mando ficam bem para os temperamentos magnânimos, e a opulência não deve ser desprezada. Adquirir tesouros à custa da perda da religião não é boa coisa, porém, excelso mestre é quem ao mesmo tempo tem o poder, a opulência e a religião, e com discrição e sabedoria goza todos esses bens”.

Sakiamuni olhou-o e respondeu-lhe:

“Ó rei! Tens fama de liberal e religioso, e prudentes são tuas palavras. O rico bondoso que emprega bem suas riquezas possui inestimável tesouro; porém nenhum proveito tirará de suas riquezas aquele que àvaramente as guarda. A caridade é prolifera em proveitos. É a maior riqueza, pois quando o indivíduo é pródigo não tem remorsos.

Eu rompi todos os laços que me ligavam, porque busco a libertação. Como poderia voltar de novo ao mundo? Quem deseja a vida religiosa, que é o tesouro mais precioso, deve abandonar tudo quanto prende sua personalidade e distrai sua atenção. Deve libertar sua alma da luxúria, da avareza, da ambição e do poder.

Aquele que cede à luxúria, embora pouco, vê-la-á crescer, e mesmo que domine o mundo, se sentirá infeliz.

O fruto da santidade vale mais do que o poderio sobre a terra, do que o descanso no céu, do que o império e o predomínio sobre os mundos.

Um Buda reconhece que a riqueza é ilusória e não confunde o veneno com o alimento sadio. O peixe que se salvou do anzol terá afeição à isca? Enamorarse-á o pássaro de sua gaiola? O enfermo febril anseia por um medicamento refrigerante. Dar-lhe-emos outro que aumente a febre? Apagaremos o fogo se lhe mudarmos o combustível?

Rogo-te que não me perturbes. Pala aos que ambicionam os cuidados da realeza e as inquietudes da opulência, que gozam, temerosos de perder suas riquezas, porque a todo momento podem

perdê-las, e ao morrer não levarão consigo nem o ouro nem o régio diadema. Em quem mandará um rei morto?

A lebre que escapou da boca de uma serpente voltará para que ela a devore? Aquele que queimou a mão numa tocha erguê-la-á depois de tê-la atirado ao solo? O cego que recuperou a vista desejará que lhe arranquem os olhos? Vê se acertas com a resposta.

Meu coração não anela desejos vagos. Renunciei à coroa real e preferi livrar-me dos encargos das existências.

Não quero, portanto, contrair novos deveres que me impeçam prosseguir o trabalho iniciado.

Sinto separar-me de ti, porém devo ir ao encontro dos yogis capazes de me ensinar a verdadeira religião e a encontrar a maneira de se evitar o mal.

Desejo que teu reino goze de paz e prosperidade, que a sabedoria resplandeça em teu governo como o sol meridiano em dia claro. Que seja firme teu régio poder. Que a justiça seja teu cetro.

O rei uniu respeitosamente as mãos, e prostrando-se ante Sakyamuni, disse-lhe:

“Que encontres o que buscas, e quando tiveres encontrado rogo-te que voltes e me aceites por teu discípulo.”

O Tathágata separou-se amistosamente do rei, resolvido a cumprir o seu propósito.

VI — INDAGAÇÕES DO SENHOR BUDA

Arada e Udraka eram os mais famosos mestres brâmanes, e ninguém os superava em sabedoria.

O Tathágata sentou-se aos pés destes mestres e ouviu suas doutrinas sobre o atman, ou espírito do homem, que preside todas as ações. Os mestres ensinaram-lhe a doutrina da Reencarnação e a lei do carma, e como as almas tem que sofrer ao nascerem em castas inferiores; ao passo que os purificados pelo sacrifício, liberações e austeridade, chegam a ser reis, brâmanes e deuses, cada vez em grau mais adiantado da existência. Siddhartha estudou os encantamentos, oferendas e métodos mais a propósito para alcançar o estado de êxtase e livrar-se da escravidão da personalidade.

Dizia Arada:

“Que é a personalidade que vê, ouve, cheira, gosta, toca, e na vista, ouvido, olfato, gosto e tacto tem as cinco raízes do espírito? Que é a personalidade que se move por meio das mãos e dos pés? A alma se manifesta por meio das expressões: “eu digo, eu sei, eu percebo, eu venho, eu vou, eu fico.”

Tua alma não é teu corpo, nem teu olho, nem teu ouvido, nem teu nariz, nem tua língua, nem tua personalidade.

O Eu percebe o tacto no corpo, cheira no nariz, vê com os olhos, ouve com os ouvidos, pensa com a mente.

Teu Eu move tuas mãos e teus pés. Teu Eu é tua alma. Irreligioso é duvidar da existência da alma, e quem não compreende esta verdade, não está na senda da salvação. O que pensa demasiado sobre estas coisas, confunde a mente e se expõe à incredulidade; porém a purificação da alma conduz à libertação.

Para alcançar a libertação faz-se mister afastar-se da multidão, levar vida eremítica e manter-se de esmolas.

Se eliminarmos o desejo e reconhecermos a ilusão da matéria, encontraremos as condições da vida imaterial.

Como a erva madja, despojada de lenhosa casca ou como a ave enjaulada que escapa de seu cárcere, assim o Eu encontra repouso perfeito quando se livra de suas limitações. Tal é a verdadeira libertação, porém só a alcançam aqueles que têm profunda fé.”

Ao Buda não lhe satisfizeram estes ensinamentos, e replicou:

“As pessoas são escravas porque não abandonaram a idéia da personalidade.

As coisas e suas qualidades são diferentes em nosso pensamento, porém estão reunidas em realidade. Em nosso pensamento o calor é distinto do fogo, porém em realidade não podem separar-se.

Dizeis que podeis abstrair a coisa de sua qualidade, porém se levais esta operação até o fim, vereis que não é assim.

O homem não é um composto de vários princípios? Não estamos constituídos por diferentes escandas (1), os dizem os sábios? O homem é um composto de forma física, de sensações, de emoções, pensamentos, inclinações e mente.

[Do sânscrito Skandhas: resíduos, impressões, memórias do passado.]*

O que os homens chamam seu eu não é uma entidade distinta dos escandas.

Muita confusão provém de se crer vaidosamente que a personalidade é o verdadeiro Eu e de lhe atribuir a grandeza e o mérito das ações. A idéia da personalidade se interpõe entre vossa natureza racional e a verdade. Elimina-a, e vereis as coisas tal qual elas são.

Aquele que pensa sabiamente se desembaraçará da ignorância, mediante a aquisição do conhecimento.

Além disto, se a vossa personalidade persiste, como podereis alcançar a libertação? Se o Eu está destinado a renascer em qualquer um dos três mundos, encontrareis sempre a mesma espécie de existência; ficares sempre envoltos no egoísmo e no pecado.

Tudo o que separa está sujeito à desagregação. Desde que não podemos escapar à roda de mortes e renascimentos, a libertação final não será possível.

Udraka dizia:

— Não vês ao redor de nós o efeito do carma? Por que diferem os homens de caráter, posição, riquezas e destino na vida terrena? É pelo seu carma, que compreende o mérito e o demérito. A reencarnação da alma depende do carma. Das vidas anteriores herdamos os resultados de nossas boas e más ações. Se assim não fosse, como poderia haver diferenças tão profundas entre os homens?”

O Tathágata meditou profundamente sobre os problemas da Reencarnação e do carma, e descobriu a verdade neles subjacente. Então disse:

— “A doutrina do carma é indiscutível, porque todo efeito tem sua causa. O homem colhe aquilo que semeia, e o que agora colhemos, devemos ter semeado em existências anteriores.

Vejo que a alma se reencarna porque está submetida à lei de causa e efeito e porque o homem cria o seu próprio destino. Porém não vejo a Reencarnação da personalidade.

Esta minha individualidade não é composta de espírito e matéria? Não está constituída de qualidades que foram evoluindo gradualmente? Os cinco sentidos de percepção de meu organismo provêm dos antepassados que os tiveram.

Minhas idéias provêm em parte dos indivíduos que as conceberam, e por outra parte das combinações dessas idéias em minha mente.

Se há um atman, um espírito que percebe as sensações por meio dos sentidos, poderá ver, ouvir, cheirar, gostar e tocar muito melhor sem os olhos, nariz, ouvido, língua e tacto do organismo corporal.

Compreendo a Reencarnação da alma numa personalidade e a justiça do carma, porém não vejo o atman que vossa doutrina estatui como autor das ações humanas.

Há de haver um renascimento sem personalidade, pois se a personalidade fosse real, seria imperecedoura e, portanto não poderíamos nos livrar dela. O temor do inferno não teria limites e a paz não existiria para os homens. Os males da vida não provem da ignorância e do pecado, mas são inerentes à natureza de nossa existência.

O Tathágata foi depois ver os sacerdotes que oficiavam nos templos, e seu ser compassivo estremeceu ao presenciar a inútil crueldade realizada ante os altares dos deuses.

— “Unicamente por ignorância esses homens realizam ruidosas festas e convocam magnas assembléias para celebrar cruentos sacrifícios. Vale mais adorar a Verdade do que o vão desejo de agradar os deuses com efusão de sangue.

Que amor pode sentir o homem que supõe que a destruição de uma vida invalida as más ações? Seria possível que um crime espie outro crime? Pode apagar os pecados do mundo o sacrifício de uma vítima inocente? Isto equivale a praticar a religião com vilipêndio da moral.

Acalmai vosso ânimo e não mateis mais. Eis aqui a verdadeira religião.

Os ritos são ineficazes; as orações são fórmulas vãmente repetidas; os feitiços carecem de virtude salutífera.

O verdadeiro culto, o genuíno sacrifício consiste em desligar-se da concupiscência, da voluptuosidade e das más paixões, em não alimentar ódio nem malevolências.

VII — PENITÊNCIA EM URIVILVA

Em busca de melhores conhecimentos, o Bodhisatva chegou a um lugar ermo onde estavam estabelecidos muitos eremitas que virtuosamente refreavam seus sentidos, reprimiam suas paixões e se ajustavam a uma severa disciplina.

Eram os yogis, brahmacharis e bhiksus (*) eus viviam separados do mundo como lúgubre e descarnado rebanho.

[Yogis (pronuncia-se yoguis), brahmacharis e biksus, são os seguidores da escola Yoga, ascetas brâmanes e discípulos mendicantes, respectiva mente que renunciaram aos deveres e regalias do mundo para se consagrarem exclusivamente à vida espiritual ou mística.]*

Uns tinham constantemente os braços para o alto noite e dia, até que minados por enfermidades, exangues e anquilosadas suas articulações, e rígidos os membros, seus braços pareciam ramos de uma árvore morta.

Outros tinham fechado as mãos tão fortemente e por tanto tempo, que as unhas atravessaram como agulhas as palmas, fazendo feridas.

Alguns estavam calçados com sandálias cheias de pregos, ou laceravam a fronte, o peito e os músculos com objetos cortantes, ou sacrificavam suas carnes com o fogo. Outros a atravessavam com pontas de ferro, dormiam sobre imundícies e cobriam-se com farrapos de cadáveres. Uns moravam em lugares impuros, onde as piras ardiam, em companhia de cadáveres, rodeados de corvos que soltavam agudos gritos ao redor dos fúnebres despojos. Outros repetiam em voz alta, quinhentas vezes ao dia, o nome de Siva, com sibilantes cobras enroladas em seus quadris e os pés paralisados em buracos.

Tal era aquela espantosa congregação.

O tórrido calor tinha coberto de feridas suas cabeças, e tinham os olhos lacrimosos, os nervos e músculos tensos, os rostos fundos e pálidos como defuntos de cinco dias.

Com muito cuidado e bom propósito, Sakyamuni se entregou à mortificação do corpo meditando sobre as verdades abstratas, e não tardou em superar em autoridade a todos os anacoretas, que o reconheceram como mestre.

Durante alguns meses o Buda mortificou pacientemente seu corpo e exercitou o seu espírito na mais rigorosa vida ascética.

Ultimamente tomava por único alimento uma comida ao dia, com a intenção de vencer o grande oceano do nascimento e da morte e chegar à outra margem da libertação. Tão extenuado e consumido ficou, que parecia um enfermo. Porém a fama de sua santidade se espalhou por toda a redondeza, e de lugares longínquos vinham pessoas vê-lo e receber a sua bênção.

No entanto, o Bem-aventurado não estava satisfeito, porque viu que a mortificação não extingue o desejo nem traz o êxtase da iluminação. Buscava o verdadeiro conhecimento e não o encontrava. Sentado sob uma árvore, considerou o estado de seu espírito e a consequência de sua mortificação.

Então disse:

“Meu corpo se debilita cada dia mais com abstinências, e isto não me faz adiantar um passo na busca da libertação. Este não é o verdadeiro caminho.

Será melhor fortalecer meu corpo com o alimento e pôr meu ânimo em disposição de possuir calma.

Foi tomar um banho no rio, porém quando quis sair da água, estava tão fraco que teve que se agarrar aos ramos de uma árvore na margem para poder saltar em terra firme.

Voltou então à congregação, e ao chegar ali, caiu desmaiado e os eremitas o acreditaram morto.

Próximo dali morava um pastor, cuja filha chamada Nanda, chegou onde estava desmaiado o Buda que, ouvindo a voz da moça, voltou a si. Então ela lhe ofereceu arroz com leite, que ele aceitou com prazer.

Recobradas as forças com o alimento, sua mente clareou e se dispôs para receber a suprema ilusão.

Desde então o Buda voltou a alimentar-se normalmente. Os cinco eremitas que presenciaram esta cena com Nanda e observaram a mudança de conduta, acreditaram que seu fervor religioso diminuirá e que Siddhartha, o tão venerado Mestre, esquecera seu magnífico fim. Porém, Buda fitando tristemente o maior destes infelizes, lhe disse:

“Há meses moro nestas montanhas buscando a verdade, e vejo meus irmãos, e também a ti, torturados lamentavelmente. Por que acrescentar males à vida, que por si já é tão má?”

O eremita respondeu-lhe:

“Está escrito que se um homem mortifica a sua carne até que a intensidade da dor só lhe deixe um sopro de vida e esperança da voluptuosa morte, os males que ele sofre limparão a imundície do pecado, e a alma purificada voará liberta da aflição para as gloriosas esferas de inconcebível esplendor.”

Buda replicou-lhe:

“Esta nuvem que flutua no céu ao redor do trono de vosso Deus, ergueuse de um mar agitado e voltará a cair em gotas semelhantes a lágrimas; passará por caminhos ásperos e penosos, por vales e pântanos, por rios lamacentos até chegar ao Ganges e voltar ao mar donde partiu.

Sabes, meu irmão, se não sucede o mesmo aos santos com toda a sua felicidade, depois de tantos sofrimentos?”

Porque o que sobe torna a cair, o que se compra se gasta, e se vós comprais o céu com o vosso sangue no doloroso mercado do inferno, quando estiver concluído o negócio, o sofrimento recomeçará.

O eremita respondeu-lhe suspirando:

“Ai! Talvez recomece. Eu não sei nem estou seguro de alguma outra coisa; porém atrás da noite vem o dia, e atrás da tormenta, a calma; e nós nos aborrecemos desta maldita carne que impede a alma de tomar o seu ansiado vôo. Assim, pois, para a felicidade da alma, entregamos aos deuses nossas rápidas torturas em conquista das alegrias perduráveis.”

Siddhartha respondeu:

“Porém, mesmo que estas alegrias durem milhões de anos, elas se desvanecerão por fim.

Ou então diga-me: há em cima ou embaixo, ou ao redor de nós, alguma existência tão diferente da nossa que não se modifique? São eternos os vossos deuses?”

“Não; só permanece o absoluto Brahman. Os deuses nada mais fazem senão viver”

Então o Senhor Buda exclamou:

“Queres ser tão sábio como os santos e esforçados? Renuncia a esses jogos cruéis em que atiras teus gemidos e lamentos para ganhar as apostas que talvez não passem de sonhos passageiros.

Queres, por amor à tua alma, fazer sofrer tua carne, afligi-la e mutilá-la de tal maneira que ela já não possa aprisionar o espírito, e buscando um refúgio, se rende no caminho antes de chegar à noite como cavalo dócil, porém exausto?”

Quereis tristes ascetas, estragar e destruir esta bela morada em que habitamos depois de um doloroso passado, e cujas janelas nos dão luz, ainda que escassa, para olharmos fora e sabermos se a aurora vai surgir e qual será o melhor caminho?”

O eremita respondeu-lhe:

“Escolhemos este caminho e o seguiremos até o fim. Dize-nos se conheces outro melhor; se não, vai em paz.”

Ao ver o Buda os eremitas se afastarem dele, teve pena daquela falta de confiança, e não sentiu mais o abandono em que vivia.

Reprimiu seu desgosto e afastou-se. Os eremitas disseram: Siddhartha nos abandonou. Busca um lugar mais agradável.

VIII — A TENTAÇÃO

O Senhor Buda encaminhou-se novamente para a colossal árvore baniana, sob cuja folhagem ia ser revelada a Verdade do seu destino. No momento em que se sentou sob a árvore, caiu a noite.

Mara, porém, o príncipe das trevas, tendo notícia de que ali estava o Buda, que ele iria libertar os homens e era chegada a hora de encontrar a Verdade para a salvação do mundo, enviou ordens às potestades do mal.

Então saíram dos profundos abismos e se congregaram os demônios inimigos da Sabedoria e da Luz.

Eram Arati, Trishna e Raga, com suas tramas de paixões, horrores, ignorâncias e concupiscências, com todos os engenhosos inventos das trevas e do temor, aborrecedores de Buda, cujo espírito tentavam conturbar.

Entre os fragores da tormenta, legiões de demônios se agitaram no espaço com o ribombar do trovão e ofuscadores relâmpagos, semelhantes a dardos, que se desprendiam do purpúreo céu.

Com estratagemas e conjurações, faziam aparecer entre a tranqüila folhagem, figuras de feiticeira beleza, e ressoavam voluptuosos cânticos e murmúrios de amor.

umas vezes o tentavam oferecendo-lhe poderio, e outras, apresentavam-lhe dúvidas sobre a Verdade como se ela fosse ilusão.

Chegaram os pecados capitais, os anjos do mal.

Primeiro Attavada, o pecado do egoísmo, que se compraz em contemplar sua imagem refletida no universo como num espelho, e lhe diz;

“Se és Buda, deixa que os demais andem nas trevas. Basta que sejas invariavelmente Tu. Levanta-te e goza a felicidade dos deuses, que não sofrem mudança nem derrota nem luta.”

Porém Buda lhe replicou:

“A justiça em ti é menosprezível e a injustiça uma maldição. Vai enganar àqueles que amam a si mesmo.” Aproximou-se depois a pálida dúvida, o pecado irônico, que silvou nos ouvidos do Mestre:

“Todas as coisas são ilusões e vã é a ciência de tua vaidade. Só buscas tua própria sombra. Levanta-te e abandona estes lugares. Não há maior recurso do que um desdém paciente, e não existe nenhum remédio para o homem, que é incapaz de deter a sempre girante roda.”

E o Senhor Buda respondeu:

“Nada tens que ver comigo, insidiosa dúvida, o mais astuto inimigo dos homens”.

Em terceiro lugar veio a superstição, a feiticeira que se encobre sob o manto da modesta fé, porém que sempre engana as almas com cerimônias e orações, tendo em suas mãos as chaves que fecham os infernos e abrem o céu.

Disse-lhe a superstição:

“És audaz. Trancafias nossos livros sagrados, destróis nossos deuses, despovoas os templos e estraçalhas a lei que mantém os sacerdotes e sustenta os reis”.

Porém o Buda respondeu:

“Pedes-me que destrua a forma transitória, porém, a Verdade livre permanece. Volta às tuas trevas.”

Depois, adiantou-se galhardamente o mais ousa do tentador.

Era Kama, o rei das paixões, que mesmo sobre os deuses exerce sua influência.

Era o mestre de amores, o soberano do reino do prazer.

Aproximou-se da árvore, sorridente, com seu arco de ouro enfeitado de vermelhas flores, e na aljava as setas do desejo e cujas pontas são cinco línguas de fogo que pungem o coração e ferem mais cruelmente do que envenenado dardo.

Acompanhavam-no cortes de esplêndidas formosuras, de lábios e olhos celestes que voluptuosamente louvavam o amor ao som de invisíveis e harmoniosos instrumentos.

Era tal o seu encanto, que até a noite parecia suspender seu curso para

ouvi-las, e as estrelas e a lua se detiveram atentas à sua carreira, enquanto que as beldades recordavam ao Buda em seus cantos, as perdidas delícias, e lhe diziam que um mortal não pode encontrar nos três imensos mundos nada comparável aos perfumados seios da amante formosura abandonada, nem aos seus rosados mamilos rubros de amor.

Acrescentaram que nada sobrepuja a suave harmonia da forma, que oferece à vista linhas e encantos da pessoa amada, na indizível harmonia que se

encontra de alma para alma, que faz ferver nosso sangue e que a vontade adora e deseja porque sabe que ali está o ótimo, que é o verdadeiro céu onde os mortais são como deuses, criadores e soberanos, que é o dom dos dons, sempre renovado, e por ele se podem suportar mil dores.

Porque, quem se recorda de ter sofrido quando ternos braços o enlaçaram e toda a sua vida se fundia num suspiro de felicidade e num ardente e apaixonado beijo possuía o mundo inteiro?

Assim cantavam com lânguidos ademanes, com olhos que soltavam amorosas chamas e com lábios de sedutores sorrisos.

Em sua lasciva dança deixavam entrever seus quadris e coxas como entreabertos casulos que ostentam seus matizes e, todavia ocultam seus corações.

Jamais houve para olhos humanos, maior encanto do que aquelas noturnas bailarinas que se aproximavam da árvore, cada qual mais sedutora que a precedente, murmurando:

“Ó excelso Siddhartha! Sou tua. Prova de minha boca e vê se não é deleitosa a minha juventude.”

Mas ao ver que o espírito de Buda permanecia inquebrantável, Kama brandiu seu mágico arco, e de repente destacou-se do grupo de dançarinas uma figura muito mais bela e majestosa do que as outras cujo semblante se assemelhava ao da doce Yaso-dhara.

Seus olhos negros, regados de lágrimas, refletiam veementíssima paixão. Seus braços, abertos para ele, se retorciam de dor, e gemendo suavemente,

a encantadora sombra chamou-o por seu nome, e disse entre suspiros:

“Príncipe meu. Teu abandono me mata. Que céu encontraste comparável

ao que gozamos nas margens do límpido Rohini, na Mansão do Prazer, onde por ti choro há já longos e penosos anos?

“Volta Siddhartha. Oh! Volta.

Ao menos beija-me outra vez em meus lábios, e que ao menos outra vez eu repouse em teu peito, para que se desvançam teus estéreis sonhos.

Contempla-me. Não sou aquela que amas?”. Buda respondeu-lhe:

“Pelo doce amor daquela que assim recordas, sombra formosa e falsa de vã astúcia, não te maldigo porque assumiste uma forma tão querida, ainda que, como todas as aparições terrenas, sejas ilusão mil vezes falaz.

Desvanece-te de novo no vazio!”

Então, ressoou um grito no bosque, e o sedutor tropel se desvaneceu com seus flamígeros estandartes que ondulavam com as vaporosas telas.

IX — A ILUMINAÇÃO

Afugentado Mara, o Senhor Buda entregou-se à meditação.

Ante os olhos do espírito passaram os males e misérias do mundo, procedentes das más ações com seus conseqüentes sofrimentos.

Então ele disse:

“É verdade que se os homens soubessem antecipadamente o resultado de suas más ações, não as cometeriam; porém a personalidade é cega e eles continuam sujeitos aos seus perniciosos desejos.

Desejam ardentemente o prazer, e engendram a dor. Quando a morte destrói sua personalidade, não encontram a paz. Continuam sujeitos à roda de mortes e renascimentos, e aparecem em outra personalidade em novas existências.

Assim continuam movendo-se num círculo, sem poder subtrair-se ao inferno que eles mesmos criaram. Vãos são os prazeres e ineficazes seus esforços. Ocos como o bambu, e vazios como a bolha desabão.

O mundo está cheio de pecado e aflição, porque nele domina o erro.

Os homens se extraviam porque pensam que o erro vale mais que a verdade.

E mesmo que vejam a verdade a desprezam pelo erro porque este é n o momento mais atraente, embora dê como resultado a aflição e a infelicidade.

Buda começou então a expor a doutrina do dharma.

O dharma é a verdade, a lei, a religião. Unicamente o dharma pode livrarnos do erro, do pecado e da aflição.

Ao considerar as causas do nascimento e da morte, o Bem-aventurado reconheceu que a ignorância é a envenenada fonte de todo o mal, que se encadeia nas doze vidanas. No princípio da existência não há conhecimento e desta ignorância surgem os apetites da vida de sensação, que por sua vez engendram as formas orgânicas com os seis campos de percepção, ou seja, os cinco sentidos e a morte em que os cinco se resumem. Os seis campos se relacionam com o mundo exterior e deste contacto provém a sensação que tece a rede da personalidade com o apego às coisas materiais.

A personalidade se perpetua nos sucessivos nascimentos que ocasionam a dor, angústia, abatimento, velhice e morte.

A causa de toda dor é a ignorância. Dissipai a ignorância e os apetites que nascem dela se desvanecerão. Desaparecerá a falsa percepção do mundo material e vos livrareis da concupiscência, do erro, da ilusão, do egoísmo da personalidade, sobrepondo-vos à enfermidade, à velhice, à morte e ao renascimento.

O Sábio viu as ***quatro nobres verdades*** que mostram o caminho do Nirvana e o aniquilamento da personalidade.

A primeira nobre verdade é que o sofrimento existe. Sofre-se ao nascer, ao crescer, ao adoecer e ao morrer. Sofre quem está unido ao que repugna. Sofre quem se vê forçado a separar-se de quem ama. Sofre quem anela o que não pode alcançar.

A segunda nobre verdade é que o sofrimento provém da concupiscência. O mundo objetivo excita à sensação, e a sensação desperta o desejo com ânsia de imediata satisfação. O desejo de viver para satisfazer os desejos da personalidade nos prende nas redes do sofrimento. O prazer sensual é um acontecimento que resulta em dor.

A terceira nobre verdade é que o sofrimento pode cessar. Quem subjuga a personalidade, livra-se da concupiscência, e, por conseguinte, do desejo e da dor.

A quarta nobre verdade é que pela óctupla senda chega-se à eliminação do sofrimento. Salva-se do sofrimento somente aquele que submete sua vontade ao dever.

O homem inteligente segue ***a óctupla senda*** e assim cessa de sofrer. Eis as oito etapas da senda:

- I. Reta compreensão.
- II. Reto propósito.
- III. Reta palavra.

- IV. Reta conduta:
- V. Retos meios de subsistência.
- VI. Reto esforço.
- VII. Reta atenção.
- VIII. Reta meditação.

Trilha-a respeitando o dharma, isto é, cumprindo vosso dever e evitando prejudicar outros seres. Pensai na lei de causa e efeito, na lei do Karma que forja o destino do homem, e dominai vossos sentimentos.

Tal é a doutrina da **reta compreensão**.

Sede benévolo contudo quanto vive. Extirpai a maledicência, a inveja a irai de tal sorte que vos assemelheis ao suave sopro da brisa.

Tal é o **reto propósito**.

Cuidai de vossos lábios como se fossem os portais do palácio de um rei.

Que todas as vossas palavras sejam francas, sinceras e corteses, como se estivésseis na presença do rei.

Tal é a **reta palavra**.

Que cada uma de vossas ações elimine um vício e fomente uma virtude. Como se entrevê um fio de prata entre as cristalinas contas de um colar, assim se deve mostrar o amor em toda boa ação.

Tal é a **reta conduta**.

As outras quatro etapas superiores só podem galgá-las os pés que já não pisam caminhos mundanos.

Almas cujas azas não têm mais plumagem! Não tenteis voar ate o sol!

O ar das regiões inferiores vos é suave, e conhecidos e seguros vos são os caminhos e níveis domésticos a que estais acostumados.

Tão só os seres vigorosos podem abandonar o ninho que cada qual fabricou para si.

Valiosos são o amor da mulher e do filho. Sei-o. Agradáveis são as amizades e os recreios da vida. Úteis são as compassivas qualidades de uma conduta virtuosa.

Fazei de vossa debilidade uma escada de ouro e ascendei pela diária convivência com estas ilusões até as verdades mais dignas de ser amadas.

Assim alcançareis mais serenos cumes, será menos penosa vossa ascensão, não pesarão tanto vossas culpas, e vos fortalecereis pela vontade para quebrar as ligações dos sentidos e entrar na Senda.

Tal é o dharma. Tal é a religião. Tal é a Verdade.

E o sábio exclamou:

Quanto tempo andei por caminhos errados! Ligado durante muitas vidas pela cadeia dos desejos, busquei inutilmente a origem da inquietação que tortura o homem, do egoísmo e da ansiedade inerentes à vida terrena, com seu nascimento, suas dores e sua morte.

Porém já o descobri. É a personalidade. Não construais, Ó Senhores do Carma! Nova casa para mim, porque eu rompi o jugo do pecado e quebrei o leme da inquietação. Meu espírito entrou no Nirvana Desvaneceu-se o desejo. Ali está a personalidade e aqui a Verdade. Onde está a personalidade não está a Verdade. São incompatíveis. A personalidade é transitório erro de samsara, a roda dos nascimentos e mortes; a isoladora separatividade egoísta, mãe da inveja e do ódio. A personalidade é a insensata avidez e prazeres, o louco afã dos ilusórios triunfos e da vaidade.

Em troca, a verdade dimana da reta compreensão das coisas; é eterna; é a realidade da existência; é a bem-aventurança que conduz à reta senda.

A personalidade é uma ilusão, e não há no mundo nem vício nem pecado, que não se derive da afirmação da personalidade.

Para alcançar a Verdade é indispensável reconhecer a ilusão da personalidade.

Não é possível caminhar de pés firmes pela reta senda sem que se tenha antes abandonado o embaraçoso lastro das paixões egoístas. A perfeita paz requer o abandono de toda vaidade.

Bem-aventurado quem compreende o dharma. Bem-aventurado que não prejudica os demais seres humanos. Bem-aventurado quem venceu o pecado e está livre de paixões. Goza de completa felicidade quem vence o egoísmo e a vaidade, porque já é perfeito e santo.

Alcançou a suprema iluminação.

FUNDAÇÃO DO REINO DA VERDADE

I — O SERMÃO DE BENARES

O Senhor Buda voltou para o lugar onde estavam os cinco eremitas que, ao verem aproximar-se o antigo mestre, resolveram não lhe dar mais este título, mas chamá-lo pelo nome, pois diziam entre si: “Ele quebrou seu voto e fracassou na santidade. Já não é dos nossos, mas apenas Gautama, um homem que vive na abundância e se entrega aos prazeres mundanos”.

Todavia, quando o Bem-aventurado se aproximou deles, ergueram-se os cinco inconscientemente para recebê-lo e saudá-lo, embora o chamassem pelo nome e o tratassem como amigo.

O Bem-aventurado lhes disse:

“Não chameis ao Tathágata (*) seu nome nem lhe deis o trato de amigo, porque já é Buda, o Iluminado, que *olha todos os seres com a mesma compaixão*, e por isso o devem chamar de pai. É mau faltar o respeito ao pai. Pecado é menosprezá-lo.

[* *Tathagatta (Sânscrito), “um que é como o próximo”. É um dos títulos adotados por Gautama Buddha, com o significado de “O que segue as pegadas de seus predecessores ou daqueles que chegarem antes”.]*

O Tathágata não crê que as austeridades sejam caminho para a salvação. Porém isto não quer dizer que se entregue aos prazeres mundanos e viva na abundância. O Tathágata encontrou o ***caminho do meio***.

A abstenção de carnes ou pescados, raspar a cabeça ou trançar o cabelo, vestir-se com túnica grosseira, cobrir-se de pó e oferecer sacrifício a Ani, nada disso purificará aquele que não se libertou do erro.

A leitura dos Vedas, as dádivas aos sacerdotes, a mortificação pelo calor ou pelo frio, e outras penitências semelhantes com intuito de alcançar a imortalidade, não purificam quem não se libertou do erro.

A ira, a embriaguez, a teima, a hipocrisia, a presunção, a maledicência, a arrogância, as más intenções, são impurezas e certamente não são limpas pelas mortificações corporais.

Deixai que vos mostre o caminho do meio que é equidistante dos viciosos extremos.

O devoto extenuado pela maceração confunde sua mente, e seus pensamentos são doentios. As austeridades mortificantes não constituem meio eficaz para subjugar os sentidos da percepção.

Aquele que alimenta sua lâmpada com água em vez de azeite, não dissipará as trevas, e nem é possível avivar o fogo com lenha podre. As mortificações são tão penosas quanto inúteis; e mesmo que o homem leve uma vida austera, não poderá emancipar-se da escravidão da personalidade, se não extingue o fogo da concupiscência.

Toda mortificação é vã, se a personalidade persiste em desejar os prazeres do mundo e os deleites do céu.

Porém, quem subjuga a personalidade, está livre de concupiscência, não deseja prazer nenhum, nem mundano nem celeste, e por isso não o contaminará a satisfação de suas necessidades

naturais. Que coma e beba para a manutenção do corpo. A água que rodeia a flor de lótus, não molha as suas pétalas.

Toda sensualidade é enervante. O homem sensual é escravo de suas paixões, e degrada-se vilmente ao buscar o prazer. Porém não é mau satisfazer

as necessidades da vida. Ao contrário, é dever nosso conservar a saúde do corpo, porque de outra maneira não poderíamos manter acesa a lâmpada da sabedoria, nem dar fortaleza e lucidez à mente.

Este é, ó devotos, a senda eqüidistante dos dois extremos.

E os cinco devotos foram os primeiros discípulos do Senhor Buda.

O Bem-aventurado falou bondosamente aos seus discípulos, mostrando compaixão por seus erros e representando-lhes a inutilidade de seus esforços.

A pequena desconfiança que existia em seus corações, desapareceu ao calor e persuasão das palavras do Mestre.

Então o Bem-aventurado pôs em movimento a roda da Lei, e começou a pregar aos cinco discípulos, abrindo-lhes a porta da imortalidade e expondo-lhes as excelências do nirvana. Quando o Senhor Buda começou o sermão, os mundos se estremeceram de júbilo. Os devas abandonaram sua celeste mansão para ouvir as doces palavras da Verdade; os santos que já haviam saído deste mundo, congregaram-se em torno do Grande Instrutor para receber as felizes novas; e até os animais gozaram do benefício dimanante de Suas sábias palavras. Todas as criaturas, deuses, homens e animais escutaram e compreenderam, cada qual em seu grau de inteligência, a luminosa mensagem de libertação.

Assim disse o Senhor Buda:

“Os raios da Roda são as regras da retidão de conduta. A justiça é a uniformidade de sua circunferência; a sabedoria é a sua faixa; a meditação é o cubo em que se fixa o eixo da verdade inflexível.

Aquele que percebe a existência da dor e conhece sua causa, remédio e extinção, compreende as quatro nobres verdades e está em bom caminho.

Seu reto propósito será a luz que iluminará seus passos, e a palavra verdadeira o seu refúgio. Caminhará em linha reta, porque reta é a conduta.

O trabalho honroso terá seu consolo; seus esforços serão seus passos; seus bons pensamentos, seu hálito, e a paz será sua companheira inseparável.

Tudo quanto teve princípio terá fim. É vão todo cuidado com a personalidade, todas as atribuições que a afetam são passageiras, e desvanecerá como um pesadelo quando acordar o sonhador.

Quem se desperta para o conhecimento da verdade, livra-se de todo temor e conhece a futilidade de suas inquietações, ambições e sofrimentos.

Acontece que, às vezes, ao sair de um banho, a gente pisa numa corda úmida e a confunde com uma serpente; e horrorizada, sofre a agonia idêntica à causada por uma picada venenosa. Quão alegre, ficará o homem ao reconhecer o seu engano e a não existência de tal serpente! O motivo

de seu espanto está em seu erro, em sua ignorância e ilusão. Quando souber que pisou numa corda, reconquistará o sossego e a tranqüilidade.

Tal é a atitude de quem conhece a ilusão da personalidade, e que a causa de todas as suas dores, sofrimentos, inquietações, e vaidades é uma miragem, uma sombra, um sonho.

Feliz aquele que vence o egoísmo alcança a paz e encontra a verdade. A verdade liberta-nos do mal; não há no mundo libertador igual.

Confiai na verdade, mesmo que não sejais capazes de compreendê-la, mesmo que no começo vos pareça amarga a sua doçura.

O erro extravia; a ilusão é a mãe do mal, que embriaga como bebida fermentada; porém muito logo se desvanece, deixando o homem abatido e desgostoso.

A personalidade é uma febre, uma visão passageira, um sonho; porém a verdade é sublime, saudável, eterna. Unicamente a verdade é imortal, porque permanece para sempre.

Exposto este ensinamento, o venerável Kaudinya, o discípulo mais idoso, viu a verdade com os olhos do espírito e exclamou:

“Certamente, ó Senhor Buda! tu encontraste a verdade.”

E os devas, os santos e os bons espíritos das mortas gerações, que ouviram o sermão do Tathágata, receberam alegres a doutrina e exclamaram: “Em verdade o Bem-aventurado comoveu a terra. Pôs em movimento a Roda da Lei, sem que ninguém no universo, deuses e homens, possam movê-la em sentido contrário. A mensagem da verdade será proclamada em todo o mundo, e a justiça, a boa vontade e a paz reinarão na terra.”

II — O PAI DE BUDA

Estava o buda em Radjagriha, quando seu pai Suddhodana lhe mandou um recado dizendo:

“Desejo ver meu filho antes de morrer. Todos têm recebido o benefício de sua doutrina, menos seu pai e parentes.”

“Ó Tathágata! a que o mundo adora. Teu pai te espera como o impaciente lírio a saída do sol.”

O Senhor Buda atendeu ao pedido de seu pai, e se pôs a caminho para Kapilavastu.

Este acontecimento foi conhecido por toda a Comarca, cujas pessoas diziam: “O príncipe Siddhartha, que deixou seu lar para adquirir luz e conhecimento, volta iluminado.”

Suddhodana saiu para receber o príncipe, acompanhado da família real e

de seus ministros. Ao vê-lo de longe, admirou-se da majestade de seu porte e da beleza de sua fisionomia, e alegrou-se em seu coração sem que seus lábios pudessem proferir uma palavra.

Realmente aquele era seu filho, outrora o príncipe Siddhartha, o herdeiro do trono, porém agora transformado em Buda, o Bem-aventurado, o Santo, o Iluminado, o Tathágata, o Senhor da Verdade, o Instrutor do Mundo.

O rei Suddhodana desceu do carro e foi ao encontro de seu filho, dizendo-lhe: Faz sete anos que não te vejo; Quão impaciente esperava este momento!

O Senhor Buda sentou-se em frente de seu pai, que avidamente o olhava sem atrever-se a chamá-lo pelo nome, e disse-lhe: “Siddhartha, junta-te ao teu velho pai e sê de novo seu filho.”

Porém ao ver a serena firmeza de seu filho, reprimiu seus sentimentos dolorosos.

E assim o rei, sentado em frente de seu filho, gozava em sua aflição e sofria em seu gozo.

Podia ufanar-se de seu filho, porém sofria ao pensar que não seria ele o seu herdeiro.

O rei disse ao Senhor Buda:

“Queria oferecer-te o meu reino; porém farias tanto caso desta oferta como de um punhado de cinzas.

O Senhor Buda respondeu-lhe:

“Sei que o coração do rei transborda de amor, e está profundamente triste por causa de seu filho. Porém os amorosos laços que te ligam ao filho que perdeste, não de ligar-te com igual bondade a todos os seres, ou em lugar deste filho, receberás outro maior do que Siddhartha. Receberás o Buda, o Mestre da Verdade, o pregador da Justiça; a paz do nirvana inundará teu coração.

Suddhodana estremeceu de alegria ao ouvir as palavras suaves de seu filho, e de mãos juntas exclamou com os olhos banhados de lágrimas:

“Maravilhosa transmutação. Desvaneceu-me a dolorosa tristeza. Antes, eu estava pesaroso e meu coração aflito; porém agora colho o fruto de tua magna renúncia. Movido de profunda compaixão, bem fizeste em renunciar as mesquinhas manifestações do régio poder, para cumprir teus nobres propósitos de religiosa devoção. Encontrei a senda e já posso pregar a verdade ao mundo ansioso de libertação.”

Segundo relatam as Escrituras Sagradas, no vasto prado às margens do Kohana, o Mestre sentou-se dominando a multidão respeitosa ali congregada para ouvir sua palavra.

Buda estava sentado à direita do rei, seu pai; ao redor se agrupavam os magnatas da corte, e a seus pés estava Yasodhara, que com seu manto prateado cobriu as pregas do saial amarelo de seu esposo.

A noite caiu sobre os ouvintes, como celestial donzela extasiada de amor, cujas tranças de cabelo eram como ondulantes nuvens; as belas estrelas, as pérolas e diamantes de sua coroa; a lua, seu diadema, e as densas trevas teciam a sua vestimenta. Assim disse o Senhor Buda:

“Os livros ensinam que as trevas eram o princípio e que Brama meditava solitário naquela noite.

Não busqueis ali Brama nem o Princípio. Olhos mortais não podem vê-lo, nem é capaz de o conhecer a mente humana. Erguerá um véu após outro, mas sempre encontrará outro véu atrás.

Os astros rodam e não perguntam. Basta que a vida e a morte, a alegria e a dor subsistam, assim como a causa e o efeito, o transcurso do tempo e o incessante fluxo e refluxo da existência que é sempre mutável e desliza como um rio, cujas ondas lentas ou rápidas se sucedem umas às outras desde sua longínqua fonte até o mar onde deságuam.

O sol evapora o mar e restitui perdidas ondas em formas de aveludadas nuvens, que gotejarão montanhas abaixo, para refluir de novo, sem paz nem trégua.

Isto basta para se saber quão ilusórios são os céus, as terras, os mundos e as mudanças que o alteram em potentes rodas de lutas e violências, cujo turbilhonante giro ninguém pode deter nem

inverter. Não supliqueis, porque as trevas não iluminarão. Nada peçais ao silêncio, porque ele está mudo. Nada espereis dos deuses implacáveis, oferecendo-lhes hinos e dádivas. Não pretendais suborná-los com cruentos sacrifícios. Em nós mesmos devemos buscar a libertação. Cada qual cria o seu próprio cárcere. Cada qual tem tanto poder quanto os mais potentes. Porque tanto para as Potestades que estão em cima, ao redor, e em baixo de nós, como para toda a carne e toda a vida, a ação engendra o prazer e a dor. Do que foi provém aquilo que é e o que será, melhor

ou pior. Podeis elevar vosso destino à maior altura do que o de Indra ou rebaixá-lo mais do que o da larva; o que sobe pode cair; o que cai pode subir. Os raios da roda não param de girar. Ó vós que sofreis! sabeis que sofreis porque quereis.

Ninguém vos excita à vida nem nela vos retém condenados à morte, girando sobre a roda e abraçando seus raios de agonia, seu aro de lágrimas, seu cubo de rija madeira.

Mais fundo que o inferno, mais alto que o céu, além das mais longínquas estrelas, mais além da morada de Brama, há um Poder estável e divino, existente antes do princípio e que não terá fim, eterno como o tempo, seguro como a certeza, que impele para o bem e é súdito de suas próprias leis. A seu toque, florescem os rosais e sua mão modela as pétalas de lótus, e no obscuro solo e nas silenciosas sementes, tece o atavio da primavera. Seu pincel colora as luzentes nuvens, e no pescoço do pavão real engasta suas esmeraldas. As estrelas são seu porto, e o relâmpago, o vento e a chuva seus escravos. Constrói nas trevas o coração do homem e na obscuridade do ovo, o faisão de colo multicolor, sempre ativo, transmuta a ira e o ódio em amor.

Seus tesouros são os cinzentos ovos no ninho do colibri dourado; as suas hexágonas favas de abelha são suas redomas de mel; a formiga obedece seus mandatos e a branca pomba o conhece bem. Solta as azas à águia toda a vez que com pressa volta ao seu ninho; conduz a loba para junto aos seus lobinhos; e encontra sustento e amigos para os seres abandonados.

Nada o repugna, nada o detém. Tudo ama. Enche os seios maternos de doce leite, bem como de mortífero veneno os dentes da serpente.

Concerta no interminável dossel do firmamento a harmoniosa música das móveis esferas; nos abismais seios da terra esconde o ouro, o ônix, a safira e as lazulitas.

Envolto perpétuamente no mistério, oculta-se na espessura dos bosques e alimenta ao pé dos cedros admiráveis rebentos com novas fibras, ervas e flores.

Mata e salva sem outro móbil que o cumprimento do destino. O Amor e a Vida são os fios, e a Morte e a Dor as lançadeiras do seu tear. Faz, desfaz e emenda tudo. Com o que faz, supera o que fez.

Cada vida do homem é o resultado de suas vidas das precedentes. Os erros passados engendram tristeza e sofrimento. A passada retidão traz felicidade. Colhereis o que semeardes. Vede vossos campos. O sésamo foi sésamo, e o trigo, trigo. O silêncio e a sombra o sabem. Assim nasce o destino do homem. Vem à vida e colhe o que semeou; sésamo ou trigo, ou venenosas e daninhas ervas que o corrompem e à doentia terra. Porém, se bem lavrada a terra e extirpadas as más ervas, semeando em seu lugar as sãs e puras, formoso e fértil será o solo e ótima a colheita.

Se aprender a causa da dor e pacientemente a suporta, esforçando-se por pagar as dívidas contraídas por suas culpas passadas, sempre fiel ao Amor e à Verdade; se limpa seu sangue da mentira e concupiscência, e sem prejuízo de outrem sofre tudo mansamente, perdendo as

ofensas, pagando o mal com o bem; se dia a dia é compassivo santo, justo, amável e sincero, e extirpa o desejo donde quer que penetre com raízes até extinguir o apego d vida; se agir assim, terminará a conta de sua vida liquidando e saldando seus débitos, e acrescentando e vivificando os créditos recentes ou longínquos, que também produzirão frutífero credito.

Quem assim, não precisa do que chamais vida. Realizou o propósito que o fez ho mem.

Já não o torturará a ansiedade nem o mancharão os pecados, nem os prazeres e dores humanas turvarão sua perpétua paz, nem voltarão a eles mortes e renascimentos. Entra no Nirvana. Uniu-se com a Vida, e, no entanto não vive. É feliz porque deixou de existir, porém não deixou de ser.

E o Senhor Buda retirou-se para o bosque próximo da cidade.

III — O REI PRASENAJIT VISITA BUDA

O rei Prasenajit, tendo conhecimento da chegada do Senhor Buda, saiu

com grande pompa e foi ao bosque de Jevatana, onde Ele estava, e de mãos juntas saudou-o, dizendo-lhe:

“Feliz o meu humilde e indigno reino por ter obtido tão grande favor, pois que perigos, que calamidades poderão ameaçá-lo na presença do Senhor do Mundo, do Rei da Lei, do Rei da Verdade?

Agora que contemplo seu sagrado semblante, poderei encher meu vaso com as saudáveis águas de seus ensinamentos.

Os bens terrenos são transitórios e perecíveis. Os bens da verdadeira religião são permanentes e eternos. O homem mundano, mesmo que cinja coroa e empunhe cetro, está inquieto, enquanto que o santo, embora seja vulgar, goza de paz de espírito.”

O Senhor Buda sabia que o rei Prasenajit era escravo da avareza e amava os prazeres, e aproveitando a ocasião, disse:

“Aquele que por seu mau carma nasce em condição vulgar, respeita o homem virtuoso. Com maior razão deve respeitar um Bu da aquele que por merecimentos contraidos em existências anteriores, nascem em leito régio. Escuta atentamente, ó rei, minhas palavras e considera bem o que te vou dizer:

Nossas boas ou más ações nos sequeam constantemente, como a nossa sombra. O mais, importante é um coração compassivo.

Considera teu povo como se fosse o teu único filho. Não o oprimas nem destruas. Sujeita à tua vontade todos os membros do teu corpo. Foge das doutrinas perversas e seque a senda reta. Não te ufanes rebaixando te aos demais. Alivia e socorre os que sofrem.

Não dêes excessivo valor à regia dignidade nem prestes ouvido às lisonjeadoras palavras dos aduladores.

De nada serve mortificar-se com austeridades. Mais vale meditar sobre a lei da verdade.

Estamos encerrados dentro do muro do nascimento, da enfermidade, da velhice e da morte; e só pela meditação e prática da verdadeira lei, poderemos sair de nosso encerramento. Que proveito colhe a iniquidade?

Todos os sábios fugiram dos prazeres sensuais. Detestaram a luxúria e ocuparam-se em enaltecer sua vida espiritual.

Co mo será possível às aves se refugiarem nos ramos de uma árvore em chamas? A verdade é incompatível com a paixão. Quem não sabe isto, é ignorante, embora o chamem de sábio.

Quem conhece esta ciência, está no alvorecer da verdadeira sabedoria, e na aquisição desta sabedoria prevalecerá o propósito da vida. Quem não a adquire, fracassa.

Esta verdade não se destina ao peculiar conhecimento do asceta e do brâmane, porém a todo sêr humano, sem exceção nem diferença de castas.

Não se faz distinção entre o monge professe e o pai de família em seu lar. Há monges que caem na perdição e humildes pais de família que ascendem à categoria de rishi.

A luxúria estende suas redes por toda parte do mundo e a todos ameaça com o mesmo perigo. Quem cai em suas malhas, só se salva pela reflexão e conquista da sabedoria.

Desde que é impossível evitar as conseqüências de nossas ações, procedamos sempre em obediência à lei.

Vigiemos nossos pensamentos, porque do pensamento provém a ação, e segundo semearmos assim colheremos.

Há muitos caminhos que conduzem das trevas para a luz, e outros há que conduzem da luz às trevas.

Também há caminhos que da obscuridade conduzem à escuridão, e outros há que da aurora nos levam à luz meridiana.

Mostra-te superior pelo exercício da razão e da virtude. Medita profundamente na instabilidade das coisas humanas e na inconstância da vida terrena.

Realça teu espírito com fé sincera e vontade firme. Não quebres as regras de boa conduta nem estabeleças a felicidade em coisas externas, mas em tua interna individualidade. Assim, as futuras gerações bendirão teu nome, e não te faltará a proteção do Tathágata”.

O rei ouviu respeitoso as palavras do Buda e gravou-as no seu coração.

IV — DEVADATA

Quando Devadata, filho de Suprabuda e irmão de Yasodhara, entrou no discipulado, ele se acreditou capaz de alcançar as mesmas distinções e honras de Gautama Siddhartha.

Mas como fracassasse o seu intento, encheu-se de inveja e principiou a fazer críticas aos ensinamentos do Senhor Buda, dizendo que eram demasiado brandos. Devadata foi a Radjagriha e encheu os ouvidos de Ajatasatru, filho do rei Bimbisara.

Então Ajatasatru edificou um Vihara (templo) para Draevadata e este fundou uma seita cujos seguidores deviam observar regras severíssimas, com mortificações do corpo.

O Senhor Buda foi depois a Radjagriha e parou no vihara de Devadata, que lhe pediu aprovasse as rigorosas regras de sua seita, cuja observância trazia maior grau de santidade.

Disse-lhe Devadata:

“O corpo se compõe de trinta e duas partes e não tem nenhum atributo divino. É concebido no pecado e nasce destinado à corrupção e sujeito a ilusão e dores passageiras. É o instrumento do carma proveniente de nossas existências anteriores, e nele se apresentam o pecado, a enfermidade e a morte. Tal é a condição do corpo. Assim pois, devemos tratá-lo como uma simples casca e cobri-lo com farrapos”.

O Bem-aventurado respondeu-lhe:

“Certamente está o corpo cheio de impurezas e seu destino é transformar-se em simples esqueleto; porém, como é o instrumento do carma, temos que fazer dele um vaso de verdades e não de pecados. É mau entregar-se aos prazeres do corpo; porém não é bom negar-lhe a satisfação de suas necessidades e aumentar suas impurezas. Uma lâmpada suja e com pouco óleo se apagará, e um corpo maltratado e consumido pelas austeridades e mortificações, não será adequado receptáculo para a luz da verdade. Tuas regras não guiarão teus discípulos pelo caminho do meio que eu tracei. Certamente não é justo proibir a observância de regras rigorosas para aqueles que desejem segui-las; porém não se deve impô-las a ninguém, porque são inúteis.”

Desta forma o Senhor Buda repeliu o pedido de Devadata, que, aborrecido, continuou criticando as regras do Buda, porque as achava demasiado suaves e sem nenhum mérito para a salvação. Quando o Bem-aventurado soube das murmurações de Devadata, disse:

“Nada existe que os homens não vituperem. Vituperam os que em silêncio permanecem sentados. Vituperam os que falam. Vituperam os que também pregam a senda do meio”.

V — AS QUATRO NOBRES VERDADES

O Senhor Buda disse aos seus discípulos:

“É preciso, ó discípulos, compreender as quatro nobres verdades e agir de acordo com elas, pois tanto vós como eu temos gasto muito tempo à procura da felicidade pelo penoso caminho das reencarnações.

A alma evolui sucessivamente por meio de todas as formas materiais, do mineral ao vegetal, do vegetal ao animal, do animal ao homem, até alcançar perfeição no estado de Buda.

Todas as criaturas são o que são devido ao carma criado em suas existências anteriores e serão o que foram, segundo suas obras na vida presente. A natureza racional do homem é a chispa de inteligência, a mente, que uma vez adquirida não se perderá nunca mais.

Mas necessita passar por vidas sucessivas para chegar à etapa superior de existência, onde recebe a inextinguível luz da verdade. Eu cheguei a esta etapa superior de existência, encontrei a verdade e vos indico o caminho da bem aventurança final. Mostro-vos o caminho do lago de ambrosia que apaga o pecado.

Dou-vos a refrigerante bebida da compreensão da verdade que liberta do sofrimento, das paixões e do pecado. Mesmo os deuses anelam a felicidade daqueles que purificados de toda mácula e livre de todas as ilusões, abandonam os incentivos das paixões e entram no nirvana.

Quem segue a senda reta, mesmo que viva no mundo, não vive segundo o mundo nem mancha seu coração de desejos mundanos.

Como uma mãe protege seu filho único e por ele arrisca a própria vida, assim fomenta e estimula a boa vontade entre os homens aquele que segue a reta senda. Nesta disposição de ânimo deve estar o homem, acordado ou dormindo, são ou enfermo, em todas as circunstâncias da vida, pois não há no mundo nada que a supere.

Aquele que não compreendeu as quatro nobres verdades tem que seguir

um longo caminho de repetidos nascimentos através dos desertos da ignorância, das ilusões e do pecado. Porém, quem aprende, compreende e pratica as quatro nobres verdades, esgota o mau carma das existências anteriores, elimina o egoísmo e entra no nirvana. Tal é o fim da evolução. Tal é a libertação final. Tal é a eterna bem-aventurança.

VI — CONTRA OS MILAGRES

Vivia em Radjagribha um pai de família chamado Jiotichka, filho de Subhara.

Recebeu de presente uma magnífica vasilha de sândalo guarnecida de pedras preciosas, e colocou-a na ponta de uma vara erguida na porta de sua casa, com os seguintes dizeres:

Se um monge alcançar esta conca por seu mágico poder, sem escada nem pau, ser-lhe-á dado tudo o que desejar.

As pessoas se aproximaram então do Senhor Buda e disseram-lhe admiradas:

“Grande é o Tathágata. Seus discípulos fazem milagres. Kasyapa, o discípulo de Buda, viu a conca na ponta da vara de Jiotichka, e juntando as mãos, fê-la descer até estas e levou-a ao vihara.

Então o Senhor Buda quebrou a concha, e disse a Kasyapa e a outros discípulos que no futuro se abstivessem de fazer milagres.

Algum tempo depois, na estação das chuvas, muitos discípulos se estabeleceram na comarca de Vriji, desolada pela fome. Um dos discípulos propôs aos seus irmãos que se elogiassem mutuamente perante as pessoas dizendo: “Este monge é um santo; teve visões celestes. Possui faculdades sobrenaturais e pode fazer milagres.” E os aldeões dirão: “Certamente é uma felicidade que estes santos varões venham entre nós na estação da chuva”. Deste modo nos darão esmolas de boa vontade e não sofreremos fome”.

Quando o Senhor Buda soube disto, mandou que Ananda reunisse todos os discípulos, e disse-lhes:

“Dizei-me, ó discípulos, quando é que um discípulo deixa de o ser? Sariputra respondeu-lhe:

“O Bom discípulo não deve quebrar o voto de castidade; se o quebra, não é discípulo de Sakya-muni.

O bom discípulo não deve tirar a vida a nenhum ser inofensivo, nem sequer a de um verme ou formiga.

Estas são as duas maiores máximas, que vos declaro agora.

Um bom discípulo não deve vangloriar-se de virtude nem de nenhuma qualidade sobre-humana. O discípulo que por egoísmo ou proveito pessoal se envaidece de possuir faculdades extraordinárias, de ter visões celestes ou de agir por meio de milagres, não é discípulo de

Sakyamuni. Assim, ó discípulos, não deveis vos valer de feitiços nem de orações, porque são inúteis, já que tudo está regido pela lei do carma. Quem tenta fazer milagres, não compreendeu a doutrina do Tathágata”.

VII — INSTRUÇÕES PARA OS NOVIÇOS

Os noviços se aproximaram de Buda e perguntaram-lhe que preceitos deviam obedecer.

Assim disse o Bem-aventurado:

“Aqueles que desejam entrar na senda para ser fiéis discípulos de Buda, devem observar quatro preceitos fundamentais:

- 1° — Procurar boas companhias;
- 2° — Entender a lei
- 3° — Fortalecer a mente por meio da reflexão;
- 4° — Praticar a virtude.

Tais são, ó noviços, as quatro primeiras etapas da senda. No entanto, quanto à norma de conduta dou os dez mandamentos, que são:

- 1° — Não matar;
- 2° — Não roubar;
- 3° — Não falar mal dos outros;
- 4° — Não mentir;
- 5° — Não comer fora das horas pré-fixadas e abster-se de bebidas alcoólicas;
- 6° — Não assistir a bailes e espetáculos;
- 7° — Abster se de perfumes, unguentos, adornos e grinaldas;
- 8° — Não cobiçar nada de ninguém;
- 9° — Evitar a moleza dos leitos macios e poltronas fofas;
- 10° — Abster se de receber esmolas em dinheiro.

“Estes dez preceitos prescrevo, ó discípulos, para o noviciado”

VIII — SEGREDO E PUBLICIDADE

Assim falou o Senhor Buda.

“Três coisas, discípulos, se mantêm secretas: os negócios do amor, a sabedoria sacerdotal e os extravios do caminho da verdade.

As mulheres enamoradas, ó discípulos, buscam a solidão e fogem das pessoas; os sacerdotes que anelam revelações especiais, buscam a solidão e fogem das pessoas; todos os que se afastam do reto caminho, ó discípulos, evitam a publicidade.

Três coisas, ó discípulos, brilham ante o mundo e não se ocultam: a lua, que ilumina o mundo e não se esconde; o sol, que ilumina o mundo e não se esconde; a Verdade, proclamada pelo Tathágata, ilumina o mundo e nunca se oculta. Estas três coisas iluminam o mundo e nunca se ocultam, ó discípulos.

Não há segredo para elas.

IX — REGRA DA ORDEM

Disse o Senhor Buda:

Qual é o homem de bem? O religioso é o homem de bem. E quem é o religioso? É aquele que segue o caminho da Verdade.

Qual é o homem forte? O homem pacífico é forte, porque venceu a personalidade e seus incitamentos. Está tranqüilo e sem mancha.

Quem é sábio? É aquele que conseguiu conhecer sua natureza interna. É aquele que mantém limpo de toda mancha e vive retamente.

E o Senhor Buda reuniu os discípulos e lhes deu estas regras de conduta: “Não destruais nenhuma forma vivente. Não tomeis o que não vos derem. Não mintais. Não vos embriagueis. Não cometais adultério. Dou-vos este cinco mandamentos”.

Para os professos acrescentou outros três: “Não comais de noite. Não useis adornos nem perfumes. Não durmais em leitos macios, e sim, em enxergões estendidos no chão.

E quem for piedoso, observará o Upavasatha, e se sentirá feliz por prover de alimentos a Ordem”.

X — EXTINÇÃO DO SOFRIMENTO

Assim falou o Senhor Buda:

“Que é o pecado? Matar é pecado, roubar é pecado; a luxúria é pecado; a inveja é pecado; o ódio é pecado; seguir falsa doutrina é pecado. Todas estas coisas, amigos meus, são pecados.

E qual é a raiz do pecado? O desejo é a raiz do pecado; a paixão e a ilusão são raízes do pecado. Estas coisas são raízes do pecado.

Então, o que é bom? Não furtar é bom; a castidade é boa; não mentir é bom; não caluniar é bom; abster-se de murmurar é bom; não invejar é bom; não odiar é bom; e bom é obedecer a Verdade. Todas estas coisas são boas.

E qual é, amigos meus, a raiz do bem? A libertação do desejo, da paixão, da ilusão é a raiz do bem. Que é, irmãos meus, o sofrimento? Qual sua origem? Como se extingue?

Nascer é sofrer; envelhecer é sofrer; enfermar é sofrer; a dor e a miséria são sofrimentos; a aflição e o desespero são sofrimentos; o apego aos vis prazeres é sofrimento; a perda do amado e não alcançar o desejado. Todas ocasionam sofrimento. Todas estas coisas originam sofrimento. Todas elas, ó irmãos, são dores.

E qual é, ó irmãos, a senda que conduz à extinção da dor? A óctupla senda nos conduz a extinção da dor.

Quando o homem conhece a dor, a origem da dor, e sabe como extinguir a dor, abandona suas paixões, desvanece o conceito da personalidade, dissipa a ignorância e alcança a suprema iluminação que extingue a dor”.

XI — OS DEZ PECADOS E OS DEZ MANDAMENTOS

Assim falou o Senhor Buda:

Dez coisas tornam más as ações dos homens. Três são pecados do corpo quatro os da língua e três os da alma.

Os três pecados do corpo são: O homicídio, o roubo e o adultério. Os quatro da língua são: a mentira, a calúnia, a injúria, as palavras ociosas.

Os três pecados da alma são: A avareza, o ódio e o erro. Por isto vos dou os seguintes mandamentos:

1º — Não mateis. Respeitai a todo ser vivente.

2º — Não roubeis, não furteis. Deixai que cada qual goze do fruto de seu trabalho.

3º — Evitai toda impureza e sede castos em tudo.

4º — Não mintais. Dizei discretamente a verdade, com suavidade e prudência, de modo a não ofender.

5º — Não murmureis nem sejais eco da maledicência.

6º — Não jureis nem blasfemais. Falai com decência e dignidade.

7º — Não percais o tempo em conversações ociosas. Falai coisas proveitosas ou calai.

8º — Não tenhais inveja nem cobiça. Alegrai-vos com a felicidade alheia.

9º — Purificai vosso coração de toda malícia. Não tenhais ira nem rancor, nem ódio mesmo contra os que vos caluniem e vos queiram mal. Sede todo bondade e benevolência com os seres viventes.

10º — Libertai vossa mente da escravidão da ignorância, e aprendei a verdade para não cairdes no ceticismo nem no erro.

XII — MISSÃO DO PREGADOR

Assim disse o Senhor Buda:

“Como tenho que morrer e não mais poderei edificar vossos espíritos com sermões e práticas, escolherei dentre vós os mais idôneos para me sucederem na pregação.

Os escolhidos usarão as vestes do Tathágata em sua morada e ocuparão sua cátedra.

As vestes do Tathágata são a sublime compaixão e a inesgotável paciência; sua morada é a caridade e o amor a todos os seres; e sua cátedra é a compreensão e prática da Lei.

O pregador tem que expor impavidamente a verdade. Deve ter o espírito de persuasão, alimentado pela prática da virtude e da fidelidade aos seus votos. O pregador deve manter-se firme em sua missão sem vacilar em cumpri-las.

Não deve cair na vaidade de buscar a companhia dos magnatas, nem tampouco há de unir-se aos frívolos e imorais. Se o assalta a tentação, pense com fé no Buda e vencera.

O pregador deve acolher benèvolmente todos os que ouvem sua doutrina, e seus sermões devem estar limpos de toda malícia. Não murmurará dos demais pregadores, e quando tiver que repreender em público, fustigará o pecado mas sem indicar o pecador. Ocupará a cátedra vestido de simples túnica e convenientes roupas interiores, em paz com todo o mundo e sem máculas em sua disposição.

Não se distrairá em controvérsias, nem as suscitará com o propósito de mostrar sua superioridade e seu talento. Pelo contrário, deve permanecer calmo e tranqüilo.

Não alimentará nenhum sentimento hostil. Seu principal objetivo deve ser o de ajudar que todo indivíduo siga com pés firmes a reta senda da iluminação.

Se o pregador se aplicar zelosamente na sua tarefa, o Tathágata lhe mostrará o transcendente esplendor da lei e as pessoas o honrarão por ter recebido a bênção do Tathágata, porque o Tathágata bendiz o pregador e os que escutam com respeito sua doutrina.

Todos os que compreendem e aceitam a verdade, aperfeiçoam sua mente, pois tal é o alcance do poder da doutrina, que uma só frase da Boa Lei é capaz de converter quem a leia, escreva ou recite, pondo-o na senda da iluminação.

Os escravos de paixões impuras se emanciparão ao ouvir a voz do pregador. Os ignorantes adquirirão sabedoria ao meditarem na profundidade da doutrina. Os que agem impulsionados pelo ódio, o converterão em amor e se refugiarão no Buda.

O pregador deve ser enérgico, confiante na bondade de sua missão, sem jamais duvidar do êxito final.

Deve assemelhar-se ao camponês que, na falta de água para regar, cava a terra árida, e embora encontre areia, não se desanima, porém vai mais fundo até encontrar a água fresca que necessita.

Mesmo quando as pessoas se mostrem surdas à voz do pregador, ele sabe que deve ir mais fundo nos seus corações.

Em vossas mãos, ó pregadores, deixo a doutrina da Boa Lei. Guardai-a, lede-a, relede-a, meditai nela e pregai-a por todo o mundo, a todas as pessoas.

O Tathágata não é avaro nem mesquinamente vaidoso, e deseja que participem da perfeita ciência do Buda todos os que estiverem dispostos a recebê-la. Sede como Ele. Imitai-O. Segui seu exemplo difundindo generosamente a verdade.

Reuni ao vosso redor todos os que quiserem escutar as doces e consoladoras palavras da lei. Estimulai os incrédulos a receberem a verdade e enchei de alegria seus corações.”

Quando o Senhor Buda terminou a sua prática, os discípulos exclamaram a uma voz, cheios de entusiasmo espiritual:

Ó Tu, que te deleitas na bondade dimanante da compaixão, és tal qual imensa nuvem de benéficas e excelentes qualidades; ao derramares a chuva da Lei, apagas o fogo que abrasa os homens.

Nós, Senhor, faremos o que ordenar o Tathágata. Obedeceremos as palavras do Senhor. Este novo voto de obediência repercutirá por todo o universo, e ressoará repetidamente nos ouvidos dos futuros instrutores que vierem a pregar a Boa Lei.”

E o Bem-aventurado disse:

O Tathágata assemelha-se a um rei poderoso que governa seu reino com justiça, porém necessita repelir o ataque dos seus inimigos. Quando o rei vê seus soldados lutarem, alegra-se do seu valor. Vós sois os soldados do Tathágata, e o perverso Mara (*), o inimigo que se tem de vencer. E aos seus soldados o Tathágata dará como prêmio a cidade do Nirvana, a grande capital da Boa Lei. E o Dharmaraja, o potente rei da Justiça, conferirá a seus fieis o diadema da suprema sabedoria e da eterna felicidade.

[Mara, termo pali; destrutor. É a personificação do eterno Tentador (análogo ao Satanás bíblico)]*

Os discípulos fizeram voto em seu coração de observar fielmente os ensinamentos do Mestre. Os Brâ-manes começaram a olhar com receio aquele homem, cuja conduta se harmonizava tão perfeitamente com sua doutrina e ameaçava derrubar o domínio que eles exerciam na consciência do vulgo com seus ritos, cerimônias e sacrifícios em honra aos deuses sempre sedentos do sangue de suas vítimas.

PREGAÇÃO DE BUDA

I — O DHARMAPADA

O Dharmapada é a senda religiosa que seguem os discípulos do Senhor Buda. O que somos hoje e o que seremos amanhã depende de nossos pensamentos. Se procedo mal, sofro as conseqüências; se procedo bem, eu mesmo me purifico.

Nem o puro nem o impuro podem purificar o seu próximo. Cada qual deve purificar-se por si mesmo. Os Tathágotas não são nada mais do que pregadores. O homem reflexivo entra na Senda e se emancipa da escravidão de Mara.

Quem pára quando é preciso andar e entrega-se à preguiça, ou cujos pensamentos são débeis, não encontrará a senda da iluminação.

Aquele que cuidadosamente se observa, encontrará a Verdade.

Certamente é difícil o domínio de si mesmo; porém quem se domina saberá dominar os demais.

Quem se vence a si mesmo é um vencedor mais glorioso do que aquele que sozinho vence mil vezes mil homens no campo de batalha.

Os enfatuados dizem: “Eu fiz isto. Os outros devem se submeter a mim. Em tal negócio, hei de desempenhar o papel mais importante”.

Os enfatuados não pensam no cumprimento do dever. Pensam unicamente em si mesmos. Querem que tudo sirva de pedestal à sua vaidade.

Fáceis de executar são as más ações que nos prejudicam. Difíceis são as boas que nos favorecem.

Faça o homem com entusiasmo o que lhe cumpre fazer. Muito logo seu corpo jazerá na terra como um simples tronco. Mas com ele não perecerão as conseqüências de seus pensamentos. Os bons engendrarão boas ações e os maus engendrarão ações más.

A diligência é vida; a preguiça é morte. O diligente está sempre vivo. O preguiçoso, mesmo que viva, está morto.

Os que imaginam que o erro e a verdade e que a verdade é o erro, não alcançarão o conhecimento da verdade, porque vão por equivocado caminho.

Os que discernem a verdade do erro e reconhecem a verdade, alcançarão a meta da libertação. Assim como a chuva penetra na casa mal coberta, assim a paixão invade aquele que não tem a razão telhada pelo discernimento.

E assim como a água da chuva não invade a casa bem fechada, a paixão não invade aquele que está resguardado pela reflexão. Os regadores levam a água onde desejam. Os arqueiros disparam a flecha à sua vontade. Os carpinteiros esquadram um pedaço de madeira. Porém o sábio se modela a si mesmo. Fica indiferente ante o elogio e o vitupério, e quando ouve e compreende a lei, mantém-se sereno como um lago de água profunda e tranqüila.

Quem pensa, fala e age com maldosa intenção, a dor o segue como a roda ao boi que puxa o carro.

Não procedais mal, senão recebereis um doloroso sofrimento. Mais vale agir bem, porque ninguém se arrepende de sua boa ação.

Quem peca, não goza na recordação do pecado, porque o gozo então auferido se transforma em dor. Quem age bem, regozija-se na sua obra, porque a felicidade é o fruto do bem.

Que ninguém se suponha incapaz de proceder mal, dizendo: “Jamais me atingirá”. Assim como a água pouco a pouco enche o vaso, assim o imprudente se deixará invadir lentamente pelo mal.

Que ninguém trate levianamente o bem, dizendo: “Nunca o atingirei” Pois assim como a água pouco a pouco enche o vaso, assim o sábio, aos poucos se encherá da bondade.

Como um simples vento arranca uma raizinha, assim Mara vencerá o preguiçoso e o débil que só vive para o prazer, sem refrear seus sentidos.

Mas, assim como a montanha de granito resiste à violência de um ciclone, também resistirá às tentações de Mara aquele que refreia os sentidos e desdenha os prazeres.

O louco que reconhece sua loucura tem algo de prudente; porém o louco que se presume sábio, está realmente louco.

O pecado é como uma formosa e fragrante flor: é agradável à vista e ao olfato, porém produz um fruto demasiado repugnante e amargo.

A virtude é como flor cercada de espinhos, sem matizes nem aroma, porém cujo fruto é deleitoso aos sentidos do espírito.

Muito mal pode causar o ódio ao ódio e um inimigo a outro inimigo; porém maior mal pode causar a si mesmo o homem mal dirigido. Muito bem pode fazer um homem bem dirigido.

A hera pode sufocar a árvore que a sustem. Assim também o perverso se degrada até o ponto em que o seu inimigo o desejava ver. O insensato que se afeiçoa aos prazeres, a si mesmo se prejudica como se fora seu maior inimigo.

Os ciclones arrasam os campos. A vaidade, o ódio, a avareza e a luxúria são as más ervas no campo da humanidade.

A afeição ao prazer produz desgosto; o temor do sofrimento engendra o medo. Quem não se afeiçoa ao prazer nem teme a dor, não conhece o desgosto nem o medo. Quem cede à vaidade e se apega ansiosamente ao prazer, invejará mais tarde aquele que adquiriu a virtude por meio da meditação.

Cada qual vê as faltas e vícios do seu próximo, porém não repara nos seus.

Assemelha-se ao trapaceiro jogador de dados.

Quem bisbilhota os defeitos alheios e deles se escandaliza, aviva o fogo de suas próprias paixões.

O homem prudente lamenta-se de seus defeitos e não repara nos dos alheios. Ao contrário, observa sempre o aspecto harmonioso do seu próximo.

O virtuoso brilha de longe como a manhã nevada. O perverso é invisível como a flecha disparada à noite.

Quem busca e consegue o prazer à custa de terceiros, ficará escravo das cadeias do egoísmo e não se livrará do ódio.

Vencei o ódio com o amor, a avareza com a liberalidade, o erro com a verdade, o mal com o bem.

Não se extingue o ódio com o ódio; só o amor o pode desvanecer. Dizei sempre a verdade, não cedais à ira e dai se vos pedirem. Deste modo alcançareis a divindade.

Limpe o prudente as impurezas da sua personalidade como o joalheiro limpa as impurezas da prata, uma após outra, a pouco e pouco e com cuidado.

Não trateis ninguém com violência, e sim, com justiça e segundo a lei.

Todos amarão ao virtuoso, inteligente, verdadeiro, justo e cumpridor de seu dever.

Assim como a abelha liba o nectar sem alterar os matizes nem o perfume da flor, assim vive o sábio entre as pessoas do mundo. Se o viandante não encontrar em seu caminho quem lhe seja igual ou superior, siga sozinho, e não em companhia de algum insensato.

Longa é a noite de insônia. Uma légua é ainda mais longa para quem está cansado. Também é longa e penosa a vida para o insensato que desconhece a verdadeira religião.

Um dia só da vida para quem conhece e pratica a verdadeira religião, vale mais do que cem anos vividos sem conhecê-la.

Alguns forjam um dharma arbitrário, maquinam especulações complexas e supõem que só suas teorias podem dar resultados proveitosos. No entanto, a verdade é uma só, pois não existem no universo verdades diferentes.

Se refletirmos no valor de várias teorias, aceitaremos a que nos livra do pecado; porém, seremos capazes de praticá-la? Eis aqui a dificuldade.

O melhor caminho é a ócupla senda. Não há outro que conduza à purificação da mente. Tudo o mais são ilusões enganosas de Mara, o tentador.

Quem segue a ócupla senda, extingue o sofrimento. O Tathágata disse: “Preguei a entrada na senda quando compreendi que era indispensável a espinha cravada na carne.”

Não por disciplina nem por votos, e sim por profundo conhecimento, mereci a felicidade da libertação que o homem mundano não pode conhecer. Não descanseis, ó discípulos, até extinguir-se a sede do desejo. A extinção dos desejos passionais é a melhor religião.

O dom da religião supera os demais dons; a doçura da religião é a maior doçura; as delícias da religião superam a todas as delícias; e a extinção da sede do desejo aniquila o sofrimento.

Assim como o lírio nasce fragrante entre as minas, assim a disciplina do Buda brilha por sua sabedoria entre as pessoas que se atropelam cegamente.

Vivamos felizes e sem ódio entre os que nos odeiem. Vivamos sãos entre os enfermos, generosos entre os avaros, abnegados entre os cobiçosos.

Brilha o sol durante o dia; a luz da lua durante a noite; cintila a armadura do guerreiro; resplandece a mente do pensador em meditação; porém a todos supera, o fulgor do Buda, o Santo, o Iluminado.

II — A ANIQUILAÇÃO

Nessa ocasião, muitos cidadãos ilustres se reuniam na Casa do Povo e elogiavam ao Buda, o Dharma e o Sangha.

Entre eles se encontrava Simha, general dos exércitos reais, que pertencia à seita dos nirgranthas, e dizia consigo: “Verdadeiramente o Bh agavad deve ser o Buda, o Santo. Quero vê-lo”. Simha aproximou-se de Iryataputra, o chefe da seita, e disse-lhe:

— Senhor, desejo ir ver o asceta Gautama. Iryataputra respondeu-lhe:

— Por que queres tu, Simha, que sabes que as ações dão seus resultados, ver o asceta que ensina aos seus discípulos a doutrina da inação e nega as conseqüências das ações?

Por isso não teve Simha mais tanto desejo de ir ver Gautama.

Porém, como Simha ouvisse novamente enaltecerem o Buda, o Dharma e o Shanga, reavivou-se-lhe o desejo de ir ver o Bem-aventurado, embora desta vez ainda o dissuadissem Iryataputra.

Mas pela terceira vez Simha ouviu elogios à grandeza do Buda, do Dharma e do Sangha, e pensou: “Certamente o asceta Gautama deve ser o santo Buda. Irei vê-lo mesmo sem o consentimento dos Nirgranthas.

Simha foi ver o Bhagavad e disse-lhe:

“Senhor, ouvi dizer que o asceta Gautama nega as conseqüências das ações e ensina a doutrina da inação, dizendo que as ações dos homens não recebem recompensas, porque proclama a aniquilação. Responde-me, Senhor: é certo que ensinas que a alma do homem morre e se aniquila? Peço-te que me esclareça se os que dizem tal coisa, enganam-se ou levantam falso testemunho.”

O Bem-aventurado respondeu-lhe.

“Em parte, ó Simha, dizem a verdade os que assim falam de mim, mas em outra erram. Ouve-me: Eu ensino que não devemos pensar, não falar, nem agir mal. Ensino que não devemos consentir as sinistras disposições ou estados de ânimo. Ensino que nossos pensamentos, palavras e ações devem ser justos e que devemos estabelecer harmônicas disposições de ânimo.

Ensino, ó Simha, que se tem que aniquilar os maus pensamentos, palavras

e ações, e quem os anula e se livra deles de sorte que jamais rebrotem, aniquila a personalidade.

Prego o aniquilamento do egoísmo, da luxúria, do ódio e do erro; porém não prego o aniquilamento da bondade, da compaixão, do amor e da verdade.

Digo que os maus pensamentos, palavras e ações são abomináveis, e que a virtude e a verdade merecem louvor.

Se alguns ensinam que o nirvana é a aniquilação da alma, dize-lhes que mentem. Se alguns ensinam que o nirvana é vida separada, dize-lhes que se enganam, porque ignoram a verdade; não vêem a luz que brilha através de suas lâmpadas partidas, e não sabem que a felicidade está fora da existência do tempo e do espaço”.

Simha respondeu:

— Resta ainda uma dúvida em minha mente. Queres dissipá-la de modo que eu possa compreender o Dharma que ensinas?

Consentiu o Senhor Buda e Simha prosseguiu:

— Ó Bhagavad, sou soldado, e por ordem do rei cumpre-me o dever de respeitar a lei e de combater por ele. Se o Tathágata prega a bondade sem limites, o amor ao inimigo e a compaixão por todos os que sofrem, permitirá castigo para os criminosos? Crera que não é lícita a guerra para defender nossos lares, nossas mulheres, nossos filhos e nossas terras? A doutrina da renúncia prescreve que devemos deixar o malfeitor agir a seu bel prazer, não resistir e deixar que nos roubem o que nos pertence? Crê o Tathágata que a guerra é ilícita quando promovida por uma causa justa?

Ao que Buda respondeu:

“O Tathágata ensina que o culpado merece castigo, e o digno de favor deve ser favorecido. Porém também ensina que não se deve fazer sofrer nenhum ser vivente, mas ter o coração cheio de amor e compaixão. Estes dois ensinamentos não são contraditórios, porque quem recebe castigo por seus crimes, não sofre por maldade do juiz e sim em consequência de sua culpa. Suas más ações lhe acarretaram o mal que lhe infringe o executor da lei. Quando um magistrado castiga, deve estar livre de todo ódio; e o criminoso condenado à morte deve considerar que seu suplício é consequente do seu crime, e se compreendo que o castigo lhe purificará a alma, alegrar-se-á da morte.

O Tathágata ensina que é deplorável toda guerra entre os homens; porém não condena os que guerreiam por uma causa justa, depois de haver esgotado todos os meios de conservar a paz. O causador da guerra merece execração.

O Tathágata ensina a completa renúncia da personalidade, porém não ensina que a gente se entregue as potestades sinistras. Deve haver luta entre a individualidade e a personalidade, pois a luta é a vida ter-rena, porém o combatente deve abster-se de combater contra a verdade e a justiça, no interesse de sua personalidade.

Aquele que luta pelo interesse egoísta de celebridade, grandeza, poderio ou riqueza, não receberá recompensa; porém o que combate pela justiça e a verdade, receberá o galardão, porque será vitorioso, mesmo que sofra alguma derrota transitória antes do triunfo final.

O egoísmo não é recipiente adequado do êxito, porque a personalidade é frágil e pequena.

Pelo contrário, a individualidade é capaz de conter as aspirações nobres de suas personalidades sucessivas, e quando uma personalidade se rompe como uma bolha de sabão, seu harmônico conteúdo se identifica com a individualidade universal.

Quem vai à guerra, ó Simha, mesmo por uma causa justa, está exposto a morrer nas mãos dos inimigos, porque tal é o destino dos guerreiros.

Porém o vencedor deve pensar na relatividade das coisas humanas.

Brilhante pode ser sua vitória, porém pode girar a roda da fortuna e transformar a vitória em derrota.

No entanto, alcançará eterna vitória se, extinto o ódio em seu coração, se aproximar do vencido e disser-lhe: “Vem agora, façamos as pazes e sejamos irmãos.”

Grande é um general vitorioso, ó Simha, porém maior é quem vence a sua personalidade.

A lei da vitória sobre a personalidade não se prega para aniquilar as almas dos homens, e sim para preservá-las. O que venceu sua personalidade, está mais apto para alcançar o triunfo eterno do que quem continua escravo da personalidade.

Luta, pois, denodadamente, ó Simha, e combate com marcial esforço nas batalhas; porém sê soldado deveras e o Tathágata te abençoará.”

Simha tornou:

“Glorioso Senhor. Senhor Gloriosíssimo. Revelaste-me a verdade. Magna

é a doutrina do Bendito. Certamente és o Buda, o bem-aventurado, o Santo. És o Instrutor da humanidade, que nos ensina o caminho da libertação. Quem te seguir, terá luz na Senda. Encontrará paz e santidade. Senhor, eu me refugio no Bhagavad, na Lei e na sua Ordem. Digna te aceitar-me por discípulo até o fim de meus dias, pois me refugio em Ti”.

E o Bem-aventurado lhe disse:

— Considera antes, ó Simha, o que vais fazer. Convém que as pessoas de tua categoria não façam nada sem madura reflexão.

Aumentou a fé de Simha, que disse, ao Bem-aventurado:

— Senhor, se outros Mestres conseguissem tornar-me seu, discípulo, levariam em procissão seu estandarte pela cidade de Vaisali, gritando: “Simha, o gene-ial dos. exércitos do rei, já é nosso discípulo”. Pela segunda vez, eu digo, ó Senhor, que me refugio no Buda, no Dharma e no Sângha. Digna-te receber-me por discípulo, desde hoje, e até o fim de meus dias, porque em Ti me refugio.

E o Bhagavad lhe respondeu:

— Durante muito tempo os nirgranthas receberam oferendas em tua casa. É justo que daqui em diante não lhes negues tua esmola.

Alegre e feliz, Simha replicou:

— Senhor, eu ouvira dizer: “O asceta Gautama ensina que só a eles e aos seus discípulos deve ser dada esmola. Porém Tu me exortas a que também a dê aos nirgranthas. Por mais este motivo me refugio no Buda, na Lei e na Ordem.

III — IDENTIDADE E SEPARATIVIDADE

Kutadanta, o prior dos brâmanes de Danamati, aproximou-se respeitosamente do Bem-aventurado, saudou-o e disse-lhe.

- Informaram-me, ó asceta, que és o Buda, o Santo, o Onipotente, o Senhor do Mundo. Porém se tal fosses, não terias vindo como um rei com toda a tua glória e onipotência?

O Bem-aventurado respondeu-lhe:

Teus olhos estão cegos. Se não estivesse turva a lua vista, verias a glória e onipotência da verdade.

Kutadanta replicou-lhe:

Mostra-me a verdade e a verei. Mas tua doutrina não tem consistência. Se a tivesse, perduraria, porem, como não tem, desaparecerá.

O Bem-aventurado respondeu-lhe:

A verdade é eterna. Não desaparecerá nunca. Kuladanta objetou dizendo:

Dizem que ensinas a Boa Lei; no entanto, desdenhas a religião. Teus discípulos menosprezam os ritos e as cerimônias, e negam-se a sacrificar na ara dos deuses, dizendo que não é pelo sacrifício que se mostra a verdadeira devoção aos deuses. Mas eu entendo que no culto e no sacrifício está a essência da religião.

O Senhor Buda lhe replicou.

“O sacrifício da personalidade vale muitíssimo mais do que a imolação das reses. Quem sacrifica aos deuses seus maus desejos e vis paixões, compreende a inutilidade de banhar em sangue de animais inocentes a ara dos altares. Em troca, o libertar-se da luxúria purifica o coração. Mais vale obedecer as Leis da justiça do que adorar os deuses.

Qualquer pessoa pode tirar a vida, mas é incapaz de a dar. Todas as criaturas amam a vida e lutam por ela.

A vida é uma dádiva maravilhosa, querida e grata para todos, mesmo para os mais humildes; por isto deve ser respeitada por todo homem piedoso, porque a piedade torna o homem terno para com os fracos e nobre para com os fortes.

O homem implora a misericórdia dos deuses e não tem misericórdia pelos animais, para os quais ele é como um deus. Tudo quanto vive está unido por laços de parentesco, e os animais que matais já vos deram o doce tributo do seu leite, o macio de sua lã, e depositam sua confiança nas mãos que os degolam.

Ninguém pode purificar seu espírito com sangue, pois se os deuses são bons, não lhes pode ser agradável o sangue, e se são maus, não basta este para suborná-los.

Sobre a inocente cabeça de um animal não é possível colocar nem o peso de um fio de cabelo das maldades e erros pelos quais cada um deve responder pessoalmente, porque cada qual deve prestar contas de si mesmo segundo a imutável aritmética do universo. Esta distribui o bem para o bem e o mal para o mal, dando a cada um sua medida segundo suas ações, palavras e pensamentos, e vigilante, exata, imutável, e implacável, faz que o futuro seja o fruto do passado.

Feliz seria a terra se todos os seres estivessem unidos pelos laços da benevolência e só se alimentassem de alimentos puros, sem derrame de sangue. Os dourados grãos, os reluzentes frutos e as saborosas ervas que nascem para todos, bastariam para alimentar e dar fartura ao mundo”.

Kutadanta era muito piedoso, e como havia sacrificado muitas vítimas, inquietou-se e encheu-se de remorsos, de consciência, pois compreendeu quão in-sensato era crer que a efusão de sangue bastaria pa-ra apagar os pecados.

Então perguntou ao Bem-aventurado:

“Crês Mestre, que a alma renasce e evolui no transcurso das vidas e que, sujeita à lei do carma, deve colher o que semeia? Pergunto-te, porque me disseram que ensinas a inexistência da alma, e que teus discípulos aspiram a completa aniquilação do eu, como a suprema felicidade do nirvana. Se eu sou apenas uma combinação de elementos, devo desintegrar-me e desaparecer ao morrer. Se sou uma mera combinação de idéias, pensamentos, sensações e desejos, que será de mim quando se desintegrar meu corpo? Onde está essa infinita felicidade de que falam teus

discípulos? É uma palavra vá, sem sentido, uma ilusão. Quando medito em teus ensinamentos, só vejo o nada, a aniquilação, o não-ser, como destino final do homem.”

“Ó Brâmane, és religioso e tens zelo. Inquietas-te pelo futuro; porém em vão te atormentas, porque te falta o mais necessário.

Por erro ou por ignorância, os homens gozam na ilusão de que suas almas são entidades distintas e existentes por si mesmas. Teu coração, ó brâmane, ainda está apegado à personalidade. Aspiras o céu, porém buscas e esperas no céu os prazeres da personalidade, e assim não poderás encontrar a felicidade na Verdade imortal.

Certamente eu te digo: o Bem-aventurado não veio ensinar a morte, e sim pregar a vida, e tu não discernes entre o morrer e o viver.

Teu corpo morrerá, pois os sacrifícios não o salvarão. Busca então a vida do espírito. Onde está a personalidade, não pode estar a verdade, e quando se pratica e conhece a Verdade, a personalidade desaparece.

Faze com que teu espírito repouse na verdade, difunda a verdade e ponha a verdade em tua alma. E na verdade viverás eternamente.

O Eu é a morte; a verdade é a vida. O apego ao eu e à personalidade é morte contínua, ao passo que quem vive e se move na verdade, alcança o nirvana”.

Kuladanta tornou:

— Venerável Mestre, onde está o nirvana? O Bem-aventurado disse:

— Onde quer que se obedeça a Lei. Kuladanta replicou:

— Então o nirvana não está em parte alguma, e portanto não tem realidade.

O Bem-aventurado: — Não me entendeste. Escuta e responde. Qual é a morada do vento? Onde habita?

Kuladanta: — Em parte alguma.

O Bem-aventurado: — Então não existe o vento? li uma ilusão? Kutadanta não soube responder, e o Senhor Buda tornou a perguntar-lhe: Dize-me, ó brâmane: Onde reside a sabedoria Está em algum lugar?

Kuladanta: — A sabedoria não tem lugar determinado.

E o Bhagavad disse: Dirás que não há sabedoria, nem justiça, nem salvação porque, como o nirvana, elas não tem lugar determinado? Assim como a brisa veloz atravessa o mundo durante o calor do dia, também o Tathágata ver refrigerar o espírito humano como o delicado e suave sopro que alivia o calor de todo sofrimento.

Kutadanta replicou: — Parece-me, ó Senhor, que pregas uma excelsa doutrina, porém não posso entendê-la. Permite-me outra pergunta? Se não existe a alma, como pode existir imortalidade? Se a atividade da alma cessa, nossos pensamentos também cessarão.

O Senhor Buda respondeu: — Nossa faculdade de pensar desaparece, porém nossos pensamentos continuam existindo. Cessa o raciocínio, porém continua o conhecimento. É como se durante a noite um homem tivesse necessidade de escrever uma carta. Ele acende a luz, escreve a carta e uma vez escrita a carta, apaga a luz. Embora esteja a luz apagada, a carta

continua escrita. De modo análogo, o raciocínio cessa, mas o conhecimento persiste. A atividade mental cessa, porém a experiência, o conhecimento e o fruto de nossas boas ações não são perdidos.

Kutadanta: — Dize-me, Senhor, que será de minha personalidade quando seus componentes se dissociarem? Se minhas idéias desaparecem, e meus pensamentos deixam de ser meus, e minha alma já não é minha alma, que é feito da personalidade? Dá-me um exemplo, Senhor meu.

O Bem-aventurado: — Supõe que um homem acenda uma lamparina. Arderá toda a noite?

Kutadanta: — Pode ser que sim. O Bem-aventurado: — Bem; mas a chama que arde na primeira metade da noite, arde na segunda?

Kutadanta pensou que era a mesma, porém, receoso de um sentido oculto, respondeu: — Não; não é a mesma.

O Bem-aventurado: — Então haverá duas chamas: uma durante a primeira metade da noite e outra durante a segunda?

Kutadanta: — Num certo sentido não é a mesma chama, porém em outro sim, porque se constitui da mesma matéria e da mesma luz, e serve para o mesmo fim.

O Bem-aventurado; — Dirás que a chama que ardeu ontem é a mesma que arde hoje na mesma lamparina alimentada pelo mesmo óleo e iluminando o mesmo lugar?

Kutadanta: — Pode ter se apagado durante o dia

O Bem-aventurado: — Supõe que a lamparina tenha estado acesa durante a primeira metade da noite e apagada durante a segunda. Se, se tornar a acendê-la, dirás que sua chama é a mesma?

Kutadanta: — Num sentido é diferente, e em outro é a mesma.

O Bem-aventurado: — O tempo durante o qual a lamparina esteve apagada tem algo a ver com que a chama seja ou não a mesma?

Kutadanta: — Não, Senhor. O tempo não interfere em nada, quer seja a mesma ou não.

O Bem-aventurado: — Bem; então admitimos que em certo sentido a chama de hoje é a mesma de ontem, e que em outro sentido ela muda a cada instante. Então, as chamas da mesma natureza e da mesma intensidade que iluminam lugares idênticos, são de certa forma as mesmas.

Kutadanta: — Sim, senhor.

O Bem-aventurado: Suponhamos agora um homem que pensa como tu, que sente como tu, que age como tu. Não será o mesmo que tu?

Kutadanta: — Não, Senhor.

O Bem-aventurado: — Negas que a lógica que te parece boa para uma coisa também o seja para as coisas do mundo?

Kutadanta refletiu um instante e respondeu pausadamente: — Não nego. A mesma lógica impera em todo o universo; porém em minha personalidade há algo que a distingue completamente das demais personalidades. Pode haver outro indivíduo que sinta, pense e proceda como eu, porém não será eu.

O Bem-aventurado: — Verdadeiramente, Kutadanta, este outro homem não será tu. Porém, diz-me: o estudante que vai à escola é o mesmo depois de terminados os estudos? O que cometeu um crime é a mesma pessoa quando, ao ser castigado, lhe cortam as mãos e os pés?

Kutadanta: — São as mesmas pessoas.

O Bem-aventurado: — Estará então a identidade constituída pela continuidade?

Kutadanta: — Não apenas pela continuidade, mas também pela identidade da natureza.

O Bem-aventurado: — Pois, se admites que duas pessoas podem ser idênticas no mesmo sentido em que temos dito que as chamas são as mesmas, deves reconhecer que, em tal sentido, outro homem da mesma natureza, resultante do mesmo carma, é o mesmo que tu.

Kutadanta: — Reconheço.

O Bem-aventurado: — Pois em tal sentido és o mesmo hoje que ontem.

Tua natureza pessoal não consiste da matéria de que está formado o teu corpo, porém da forma ou configuração do teu corpo, de tuas sensações e pensamentos. Tua personalidade é uma combinação de elementos. Onde quer que estejam, ali estás. Assim, pois, em certo sentido, reconheces, tua personalidade, com ela te identificas e dá-lhe continuidade segundo teu carma. Chamá-la-ás morte e aniquilação, ou vida e continuação de vida?

Kutadanta: — Chamá-la-ei vida e continuação de vida, porque é a continuação de minha existência. Mas o que me preocupa é a continuação de minha personalidade, de forma que todo homem, seja ou não idêntico a mim, é uma personalidade absolutamente distinta.

O Bem-aventurado: — Muito bem, essa é a continuação que tu desejas, e tal é o apego à personalidade. Esse é o erro que te acarreta inquietudes inúteis. Aquele que se apega à personalidade tem que passar por numerosos nascimentos e mortes. Morrerá continuamente, porque a natureza da personalidade é morte incessante.

Kutadanta: Como é isso?

O Bem-aventurado: — Onde está tua personalidade? Kutadanta não soube responder.

O Bem-aventurado: — Essa personalidade, que tanto estimas, muda incessantemente. Há anos foste menino, depois jovem e agora és homem. Que identidade pessoal há entre o menino e o homem? Não há, como também não havia, conforme vimos, na chama da lamparina que ardeu durante a primeira metade da noite e a que ardeu ao reacender-se depois de apagada. Qual é tua verdadeira personalidade; a de ontem, a de hoje ou a de amanhã?

Kutadanta, perplexo, respondeu: — Senhor do Mundo, vejo meu erro, porém ainda estou confuso. O Senhor Buda prosseguiu dizendo:

— Os princípios constituintes de tua personalidade são o resultado de tuas ações em passadas vidas, e em futuras existências colherás o que com tuas ações semeias no presente.

Kutadanta: — Certamente, Senhor, não me parece justo que outros colham o que eu semeiei agora.

O Tathágata ficou um momento silencioso e depois disse:

— Será inútil todo ensinamento? Não compreendes que essas outras personalidades são tu mesmo? Tu, e não outro, colherás o que semeaste.

Supõe um homem mal educado, que sofre as conseqüências de sua infeliz condição. Em menino foi preguiçoso e quando se fez homem, não tinha ofício nem profissão para ganhar o seu sustento. Dirás que sua miséria não é o resultado de sua conduta, porque a personalidade do menino não é a mesma do adulto? Em verdade Te digo que nem nas alturas do céu nem nas entranhas da terra encontrarás um lugar on-de possas fugir-te ao resultado de tuas más ações. E da mesma maneira receberás a recompensa de tuas boas obras.

Quem volta são e salvo de uma longa viagem, recebe em sua casa as boasvindas de seus parentes, amigos e conhecidos. Também o resultado de suas boas ações beneficia o homem que passa desta vida para a outra, se ele seguiu o caminho da justiça.

Kutadanta: — Creio na glória e excelência de tuas doutrinas. Minha vista não pode suportar o fulgor da luz; porém agora compreendo que a personalidade é ilusória, que as orações são palavras ociosas e que os sacrifícios não servem para a salvação. Como encontrar o caminho da verdade eterna? Aprendi de memória todos os Vedas e não encontrei a verdade.

O Bem-aventurado: — Não é má coisa a erudição; porém a verdadeira ciência, o conhecimento útil, só pode ser adquirido pela prática.

Reconhece a verdade de que teu próximo é teu semelhante. Compreende que a personalidade é morte e a verdade é imortal.

E Kutadanta exclamou :

— Oxalá possa eu refugiar-me no Buda, no Dharma e na Ordem. Aceitame por discípulo e faze-me compartilhar da felicidade da imortalidade.

IV — UMA ESSÊNCIA, UMA LEI E UM FIM

Um dia o Tathágata conversando com o venerável Kasyapa, com o propósito de libertar sua mente da incerteza e da dúvida, disse-lhe:

“Todos os seres e todas as coisas são constituídas de uma mesma essência, embora pareçam diferentes segundo as formas que tomam em conseqüência das influências que recebem. Como se formam, agem, e como agem, são. Supõe, Kasyapa, que um oleiro fabrique vasilhas diferentes com o mesmo barro. Cada uma dessas vasilhas terá seu destino, pois uma servirá para arroz, outra para manteiga, outra para leite e algumas serão usadas para depósitos de impurezas. Não há diferença no barro empregado. A diferença está no modelo dado pelo oleiro, segundo os diversos usos requeridos pelas circunstâncias.

Analogamente, todos os seres evoluem de acordo com uma só lei e se destinam ao mesmo fim, que é o nirvana.

Se compreendes, ó Kasyapa, que todos os seres são da mesma essência e que não há mais que uma única Verdade, e vives de acordo com esta compreensão, alcançarás o nirvana.

O Tathágata é o mesmo para todos os seres e da mesma essência que todos eles, pois difere apenas em seu aspecto, como os demais seres diferem entre si.

O Tathágata dá alegria ao mundo inteiro, do mesmo modo como a nuvem derrama a chuva sobre justos e pecadores. Tem a mesma compaixão pelos grandes e pelos pequenos, pelo sábio e pelo ignorante, pelo virtuoso e pelo pecador.

A vasta nuvem carregada de água derrama a chuva sobre prados, várzeas, montanhas e vales, hortas e campos.

E todos recebem a água da chuva, que é da mesma essência, e árvores, plantas e ervas nascem, florescem e frutificam, cada uma segundo a sua espécie e natureza.

Arraigadas no mesmo solo, todas as plantas de um campo ou de uma horta recebem a mesma água e a todas vivifica.

O Tathágata conhece, ó Kasyapa, a lei cuja virtude é o conhecimento e cujo fim é a paz do nirvana.

Ele é o mesmo para todos, porém não se manifesta do mesmo modo a todos, mas, a cada um segundo suas necessidades.

Logo no começo não dá para todos a plenitude do conhecimento, porém observa a predisposição de cada um”.

V — AS INJÚRIAS

Observando os costumes humanos, o Senhor Buda viu que muitos males provinham da rapidez com que os vaidosos e egoístas criticavam nesciamente o próximo, e disse aos seus discípulos:

— Se um néscio me ofendesse, lhe responderia com um cordial e sincero amor. Quanto maior mal me fizesse, maior bem eu lhe faria. O perfume da bondade estará sempre comigo, e o fétido alento do mal sopraria contra ele.

Sabendo um néscio que Buda pregava o mandamento do amor que prescreve restituir com o bem o mal recebido, aproximou-se dele e injuriou-o gravemente.

Tornou a injuriá-lo, e quando já não encontrava palavras para ofendê-lo, o Buda perguntou-lhe:

“Filho meu; se alguém recusa o presente que outro lhe oferece, para quem fica o presente?”

O néscio respondeu: — Para quem lhe ofereceu.

O Buda continuou: — Pois bem meu filho: injuriaste-me e eu recuso tuas injúrias. Guarda-as para ti. Não serão para ti fonte do mal? Assim como o eco pertence ao som, a forma ao corpo, também o mal consumirá o autor do mal.

O néscio não soube o que responder, e o Senhor prosseguiu dizendo: “O malvado que injuria o virtuoso, assemelha-se ao que cospe ao céu,

porém recebe no rosto o que cuspiu.

Aquele que calunia, assemelha-se a quem com o vento contrário, tenta atirar um punhado de pó no rosto de outrem. O pó cega os olhos de quem o atirou.

Ninguém pode ferir o virtuoso; sobre seu próprio autor recairá o mal que alguém lhe tentar fazer.”

O ofensor afastou-se vagarosamente, envergonhado; porém depois regressou arrependido e refugiou-se no Buda, no Dharma e no Sangha.

VI — O DEVA E O BUDA

O Buda estava um dia no jardim de Anathapindika, na cidade de Jetavana, quando lhe apareceu um Deva em figura de brâmane e vestido de hábitos brancos como a neve, e entre ambos se estabeleceu o seguinte diálogo:

O Deva: — Qual é a espada mais cortante? Qual é o maior veneno? Qual é o fogo mais ardente? Qual é a noite mais escura?

O Buda: — *A palavra raivosa é a espada mais cortante; a inveja é o mais mortal veneno; a luxúria é o fogo mais ardente, e a ignorância é a noite mais escura.*

O Deva: — Quem obtém a maior recompensa? Quem sofre a maior perda? Qual é a armadura mais impenetrável? Qual é a melhor arma?

O Buda: — Quem dá sem desejo de receber é quem mais ganha. Quem recebe de outro sem devolver nada é o que mais perde. A paciência é a armadura mais impenetrável. A sabedoria é a maior arma.

O Deva: — Qual é o ladrão mais perigoso? Qual o tesouro mais precioso? Quem recusa o melhor que lhe é oferecido neste mundo?

O Buda: — Um mau pensamento é o ladrão mais perigoso. A virtude é o tesouro mais precioso. Recusa o melhor que se lhe oferece quem aspira a imortalidade.

O Deva: — O que atrai? O que repugna? Qual é a dor mais terrível? Qual é a maior felicidade?

O Buda: — O bem atrai. O mal repugna. A maior dor é a má Conduta. A libertação e a maior felicidade.

O Deva: — O que ocasiona a ruína no mundo? O que destrói a amizade? Qual é a febre mais aguda? Qual é o melhor médico?

O Buda: — A ignorância arruína o mundo. A inveja e o egoísmo destroem a amizade. O ódio é a febre mais aguda. O Buda é o melhor médico.

O Deva: — Tenho uma dúvida e peço que me respondas: O que é que o fogo não queima, nem a ferrugem consome, nem o vento abate e é capaz de reconstruir o mundo inteiro?

O Buda: — O benefício das boas ações.

Satisfeito o Deva com as respostas do Buda, com as mãos juntas se inclinou respeitosamente ante Ele e desapareceu.

VII — INSTRUÇÃO

Os discípulos se aproximaram do Senhor Buda, e depois de saudá-Lo de mãos juntas, perguntaram-lhe por intermédio de Ananda:

— Ó Mestre, que tudo vês! Desejamos aprender. Dispostos estão nossos ouvidos para escutar. És nosso incomparável Instrutor. Dissipa nossas dúvidas, ensina-nos o sagrado Dharma. Fala entre nós, ó Tu, de preclaro entendimento. Ó Tu, que tudo vês, tal qual o Senhor de mil olhos, o Rei dos deuses!

Perguntamos ao Muni que atravessou a corrente e galgou a margem oposta e é bendito e forte: “Como poderá um discípulo seguir a senda reta depois de ter deixado sua casa e eliminado seus desejos?”

Assim respondeu Ele:

“Vença o discípulo seus desejos e prazeres terrestres e celestes, e uma vez esgotado o desejo de vida sensória, cumprirá o Dharma e poderá conduzir-se corretamente no mundo.

Quem eliminar seus desejos, libertar-se do orgulho, subjugar as paixões, seguirá retamente pelo mundo.

Quem conhecer a Lei e a obedecer fielmente; quem vir o caminho que conduz ao nirvana e tirar a venda dos olhos, irá de maneira certa pelo mundo.”

Os discípulos disseram-lhe:

— Certamente, ó Bhagavad, assim é. Se o discípulo se desliga de todos os laços, irá retamente pelo mundo.

E o Senhor Buda prosseguiu:

“Consciente e justo, compassivo e benévolo, sem vangloriar-se disto, deve ser o aspirante ao nirvana.

Nenhum de vós menospreze nem engane outrem, nem lhe cause mal algum.

Ditosa é a soledade do pacífico que conhece e contempla a Verdade. Feliz é quem permanece sempre firme sob seu amparo. Feliz é o destituído de desejos nem repugnâncias. Felicidade suprema é a vitória sobre a vaidade obstinada.

Cinje cada um de vós seu prazer ao Dharma, afirme-se no Dharma, e medite em suas sublimes verdades.

A ninguém aproveita e facilmente se perde um tesouro caído no fundo de um poço. O verdadeiro tesouro acumulado pela caridade, compaixão, temperança, domínio próprio e as boas obras, está em lugar seguro, onde ninguém pode roubá-lo, e ao morrer, leva-o consigo o homem para a outra vida”.

Então os discípulos louvaram a sabedoria do Tathágata, dizendo-lhe: “Transcendeste a dor. És santo. Ó Iluminado, em ti vemos o homem que já se libertou das paixões. És grande e glorioso. Desvaneceste em nós a dor e as vacilações.

Por isto te adoramos, ó Muni, que conquistaste o máximo proveito nos caminhos da sabedoria! Dissipaste nossa dúvida, ó Tu que vês claramente. Em verdade és o Muni perfeitamente iluminado para quem não há obstáculo possível.

Todas as penas desapareceram. Tu permaneces tranqüilo. És enérgico e veraz. Estás firme. Adoramos-te, ó excelso Muni! Adoramos-te, ó Tu, o melhor dos homens. Nos mundos dos homens e dos deuses ninguém te iguala.

És o Santo, o Mestre, o Buda, o vencedor de Mara, que depois de haver atravessado a corrente, ajuda também a espécie humana a atravessá-la para a outra margem”.

VIII — O GRÃO DE MOSTARDA

Um opulento comerciante ficara profundamente aflito ao verificar, um dia, que todas as suas moedas e barras de ouro haviam se transformado em carvão, da noite para o dia, e recolhera-se ao leito sem mais querer alimentar-se, pois preferia a morte à indignância.

Um amigo seu, informado do acontecido, foi visitá-lo, e ao ouvir-lhe a causa do seu sofrimento, ponderou-lho:

“Teu ouro se transformou em carvão porque não aplicaste bem tua riqueza.

O ouro avaramente acumulado não vale mais do que o carvão. Mas ouve um conselho. Estende teus tapetes no bazar, põe-lhes em cima o carvão e vende-o.

O mercador seguiu o conselho de seu amigo, e quando os vizinhos lhe perguntavam porque vendia carvão, respondia:

— É a única coisa que possuo.

Algum tempo depois, uma jovem órfã e pobre, chamada Krisha Gotami, passou pelo bazar do mercador e lhe perguntou:

— Meu Senhor; vendes também estes montões de ouro? O mercador respondeu-lhe:

— De que ouro falas? Onde está?

Krisha Gotami pegou uns pedaços de carvão, que na vista do mercador se transformaram em ouro.

O mercador supôs que Krisha Gotami possuísse clarividência mental, e a casou com seu filho, pensando consigo mesmo: “Para muitas pessoas o ouro não vale mais que o carvão; mas Krisha Gotami transmutou-a o carvão em ouro.”

Krisha Gotami teve um filho e este morreu. Transida de dor ia com o filho morto de casa em casa, pedindo um remédio, e as pessoas diziam: “Está doida; a criança está morta.”

Finalmente, Krisha Gotami encontrou um camponês que respondeu sua súplica, dizendo:

— Não posso dar um remédio para a criança, porém sei de um médico capaz de o dar.

E Krisha Gotami respondeu:

— Suplico-te que me digas quem é.

— Vai ver o Buda.

Krisha Gotami foi ver o Senhor Buda e exclamou chorando: “Senhor meu e Mestre; Meu filho estava brincando entre as flores e tropeçou numa serpente que se enroscou no seu braço. Ficou logo pálido e silencioso.

Não posso aceitar que ele deixe de brincar ou que deixe o meu colo. Senhor meu e Mestre, dá-me um remédio que cure o meu filho.”

O Senhor Buda respondeu-lhe:

“Sim, irmãzinha, há uma coisa que pode curar teu filho e a ti se puderes consegui-la, porque os que consultam os médicos tomam o que lhes é receitado.

Procura uma simples semente de mostarda preta, porém, só a deves receber de uma casa onde nunca tenha entrado a morte, onde não tenha ainda morrido pai, mãe, filho nem filha, nem irmão nem irmã, nem escravo nem parente.”

Aflita, Krisha Gotami foi de casa em casa pedindo o grão de mostarda. Às pessoas se compadeciam dela e lhe davam, porém quando ela perguntava se já tinha morrido alguém naquela casa, lhe respondiam:

— Ah! poucos são os vivos e muitos os mortos. Não despertes nossa dor.

Agradecida, ela lhes devolveu a mostarda e dirigiu-se a outros que lhe diziam:

— Aqui está a semente, porém já morreu nosso escravo.

— Aqui está a semente; porém o semeador morreu entre a estação chuvosa e a colheita.

E não encontrou nenhuma casa onde não tivesse morrido alguém. Krisha Gotami voltou chorosa para o Senhor Buda, dizendo-lhe:

Ah! Senhor, não pude encontrar mostarda em casa onde não tivesse havido morte. Então, entre as flores silvestres, na margem do rio, deixei meu filho que não queria mamar nem sorrir, e volto para ver teu rosto e beijar teus pés, suplicando-te que me digas onde encontrar esta semente sem deparar ao mesmo tempo com a morte, pois apesar de tudo não posso crer na morte de meu filho, como todos me disseram e temo tenha acontecido.

O Mestre respondeu-lhe:

“Minha irmã, procurando o que não podes encontrar, achaste o amargo bálsamo que eu queria dar-te.

Sobre teu seio dormiu hoje o sono da morte o ser que amas. Agora já sabes que todo o mundo chora uma dor semelhante à tua. O sofrimento que aflige todos os corações pesa menos do que se concentrado num só.

Escuta! Derramaria eu meu sangue se ao derramá-lo pudesse deter tuas lágrimas e descobrir o segredo de o amor causar angústia e através de prados floridos conduzir-nos ao sacrifício, qual mudos animais conduzidos por seus donos.

Nenhum nascido pode evitar a morte. Assim como os frutos maduros caem da árvore, assim os mortais estão expostos à morte desde que nascem. A vida corporal do homem acaba partindo-se como vasilha de barro do oleiro. Jovens e adultos, néscios e sábios, todos estão sujeitos à morte.

Porém o sábio que conhece a Lei não se perturba, porque nem pelo pranto nem pelo desânimo obtém a paz, mas pelo contrário, avivam as dores e os sofrimentos do corpo. A morte não faz caso de lamentações.

Morre o homem, e seu destino está determinado por suas ações. Embora viva dez ou cem anos, acaba o homem por separar-se de seus parentes ao sair deste mundo.

Quem deseja a paz da alma, deve arrancar de sua ferida a flecha do desgosto, da queixa e da lamentação.

Bendito será quem vencer a dor. Sepulta tu mesma o teu filho.”

Extenuada pela dor, Krisha Gotami sentou-se à beira do caminho, pôs-se a meditar no silêncio do entardecer, e disse consigo:

“Quão egoísta sou em minha dor! A morte é o destino comum de tudo quanto vive. Porém neste vale desolado há um caminho que conduz à imortalidade aquele que elimina de si todo egoísmo.

E sufocando o amor egoísta que sentia por seu filho, enterrou-o no bosque.

E foi logo refugiar-se no Senhor Buda, e encontrou consolo no Dharma que alivia o coração dilacerado pela dor.

IX — A FÉ DE SARIPUTRA

O Senhor Buda regressou de Nalanda com numerosos discípulos e deteve-se num bosque de mangueiras.

Dele se aproximou o venerável Sariputra que lhe disse depois de saudá-lo respeitosamente:

— Senhor, é tão firme a fé que tenho em ti, que no meu entender não há nem haverá outro maior que tu, no concernente à suprema sabedoria.

O Senhor Buda respondeu-lhe:

— Audazes são as palavras de tua boca, ó Sariputra. Certamente irromperam num momento de êxtase. Conheceste acaso todos os que em épocas passadas também foram Budas?

— Não, Senhor — respondeu Sariputra.

— Vislumbraste os que em longínquo futuro hão de ser Budas?

— Não, Senhor.

— Porém, ao menos, ó Sariputra, conhecerás a mim como Buda vivente, e terás penetrado em meu espírito.

— Tampouco, Senhor.

— Então vês, Sariputra, que não conheceste os Budas do passado, nem vislumbraste os do futuro. Por que, pois, tão temerária afirmação? Por que tão desmesurado elogio?

— Oh! Senhor. Não conheço o coração dos Budas passados e futuros, nem o teu que agora és. Só conheço os fundamentos da fé. Um rei poderia ter edificado na fronteira de seu reino uma fortaleza, sólidos cimentos, régios muros com sentinelas de atalaia para deter os estrangeiros e não deixar entrar mais ninguém além de seus amigos. Mas assim como poderiam existir no muro algumas gretas por onde entrasse um gato e observasse a fortaleza, assim conheço eu os

fundamentos da fé. Sei que os passados Budas foram sempre avessos á luxúria, à preguiça, ao orgulho, à dúvida, a todos os vícios e fraquezas que debilitam o homem; exercitaram as cinco modalidades de atividade mental, e alcançaram a iluminação. E sei que o mesmo farão os Budas futuros, e o mesmo fazes tu.

— Grande é a tua fé; não a quebres.

X — SERMÃO FINAL

O Senhor Buda assim falou à Ananda, como representante de toda a Ordem:

“Que espera a Ordem de mim? Preguei a Verdade sem distinção entre a doutrina esotérica e a exotérica, pois no tocante à Verdade, o Tathágata não tem nada semelhante ao punho cerrado de um instrutor que oculta alguma coisa.

Certamente, Ananda, se alguém desejar ser o guia da Ordem e crer que é o fundamento da Ordem, deveria dar instruções pertinentes ao governo da Ordem.

Por que haveria o Tathágata de dar instruções para o governo da Ordem?

Já sou velho, Ananda; tenho oitenta anos e termino meus dias; e assim como um carro velho roda com dificuldade, assim meu corpo se sustenta com muito cuidado. Meu corpo só está bem quando me abstraio em prece fervorosa, meditando, fora do mundo material.

Assim, pois, Ananda, sede vossas próprias lâmpadas. Apoiar-vos em vós mesmos e não em nenhum sustentáculo externo.

Mantendo-vos firmes à luz de vossas lamparinas. Buscai a libertação na Verdade, e não peçais auxílio a ninguém mais do que a vós mesmos.

Porque, como, Ananda, pode um irmão ser lamparina para si mesmo se não se apóia em si, mas em algo externo; se não mantém firme a Verdade e na Verdade não busca a salvação, sem outro auxílio do que o seu próprio?

Assim, pois, Ananda, já que o irmão mora num corpo, procure vencer as dores dimanantes dos desejos do corpo. Que enquanto esteja exposto às sensações, considere-as de tal maneira que vença neste mundo a dor resultante das sensações.

E aqueles que agora ou depois de minha morte forem lamparinas de si mesmos e buscarem a libertação na Verdade sem pedir auxílio externo, alcançarão a iluminação.

Entrai na Sonda! Não há dor mais amarga do que o ódio, nem sofrimento como o da paixão, nem engano maior do que o da luxúria e a torpe sensualidade.

Entrai na Senda! Muito adiantado já está quem espezinha o vício dominante.

Entrai na Senda! Dali flui as salutíferas fontes que toda sede apagam.

Ali florescem as imarcescíveis flores que alegremente alfombram todos os caminhos.

Ali se apressam as horas mais velozes e felizes. Mais valiosos que as jóias é o tesouro da Lei. Sua doçura excede à do favo de mel. Suas delícias excedem a todo leite.

Não mateis. Sede compassivos e não detenhais em seu ascendente caminho nem o mais ínfimo ser.

Dai e recebei generosamente; porém não arrebateis de ninguém, cobiçosos, seus bens com violência ou fraude.

Não levanteis falsos testemunhos. Não calunieiis.

Não mintais. A verdade é manifestação da pureza interior. Abstende-vos de drogas e bebidas que perturbam a mente.

Iluminai vossas mentes. As mentes puras e os corpos puros necessitam do néctar do Soma (Planta sagrada da Índia).

Não toqueis na mulher de vosso próximo nem cometais pecados carnis contra a natureza.

Aqueles que não podem quebrar desde já as opressoras cadeias dos sentidos e cujos pés são demasiado débeis, para trilhar a estrada pedregosa, deve disciplinar sua conduta de tal forma que todos os dias terrenos transcorram irrepreensíveis, praticando obras caridosas.

Devem dar, embora vacilantes, os primeiros passos na óctupla senda, vivendo puros, humildes, pacientes, compassivos, e amando todos os seres como a si mesmos, porque o mal é conseqüente do passado mau e o bem procede de um passado bom.

Agindo deste modo, livra-se o homem de sua personalidade, auxilia o mundo, aumenta sua felicidade na vida futura e aproxima-se da perfeição.

Há tempos, na hora do alvorecer, quando eu passeava por um bosque de bambus próximo de Rajagriha, vi o chefe de uma família singalêza que, ao sair do banho e com a cabeça descoberta, saudava a terra, o céu e os quatro pontos cardiais, espalhando arroz branco e vermelho com as duas mãos.

— Por que saúdas assim meu irmão? Perguntei-lhe.

— É a regra respondeu. Ensinaaram nos nossos pais que pela manhã, antes de iniciar as tarefas cotidianas, se deve conjurar o mal que vem do céu que nos cobre, da terra que está sob nossos pés e dos quatro pontos cardiais.

Respondi-lhe: “Não espalhes arroz, porém, antes oferece a todas as criaturas pensamentos e ações de amor. A teus pais, olhando para o Oriente, donde brota a luz. A teus mestres, olhando para o Sul, donde provêm valiosos dons. À tua mulher e teus filhos, olhando para o Ocidente, donde fulgem suaves e delicadas cores e onde morrem os dias. A teus amigos, parentes e a todos os seres, olhando para o Norte. Aos humildes inclinando-te para o solo. Aos santos, o os anjos e aos mortos bem-aventurados, contemplando o céu.”

Procedei também vós assim, que conjurareis todo mal e saudareis o mundo em suas seis direções cordiais”.

XI — O ANÚNCIO DE SUA MORTE

O Senhor Buda disse a Ananda:

“Vai agora, Ananda, e reúne na sala capitular os irmãos residentes nos arredores de Vaisali.”

O Senhor Buda chegou na sala, sentou-se num almofadão já ali colocado para Ele, e disse:

“Ó irmãos. Já que haveis recebido e aceito a Verdade, e estais compenetrados dela, meditai-a e difundi-a por toda a parte, para que a religião se perpetue e subsista para o bem e felicidade dos povos e proveito de todos os seres. Aquele que deixar seu coração sem freio algum, não alcançará o nirvana. Por isto, deveis fugir das excitações mundanas e buscar a paz da alma.

Co mei para saciar a fome e bebei para apagar a sede. Satisfazei as necessidades da vida corpórea como a abelha que liba o néctar da flor, mas sem lhe roubar o perfume.

Ó irmãos! É preciso aprender a assimilar as quatro nobres verdades.

Reconhecei que já temos perdido muito tempo e peregrinado demais pelo penoso caminho da Reencarnação em busca da verdade.

Praticai a meditação profunda a que vos habituei. Persisti na luta tenaz contra o pecado. Mantende-vos firmes na senda da santidade. Que vossos sentidos espirituais estejam limpos. E se as sete luzes da sabedoria iluminam vossa mente, entrareis na óctupla senda que conduz ao nirvana.

Sabei, ó irmãos, que não tardará em extinguir-se a personalidade do Tathágata. Assim vos exorto e digo: Tudo quanto é composto e complexo tem de envelhecer e morrer. Buscai o eterno e esforçai-vos arduamente por vossa salvação.

XII — ENTRADA NO NIRVANA

Por esta ocasião os discípulos foram ao bosque de Upavartana, onde estava o Senhor Buda, e com eles muitas pessoas desejosas de participar da felicidade da presença do Bem-aventurado, que lhes disse:

“Buscai ansiosamente a Verdade. Não vos basta me haverdes visto. Libertai-vos do pungente aguilhão da dor. Segui resolutamente a senda.

Um enfermo pode ser curado pela virtude do medicamento, sem ver o médico.

Quem não me obedeça, me verá inutilmente, ao passo que quem vive retamente, e embora more muito longe, estará junto de mim. Mas quem obedecer ao Dharma, gozará sempre da felicidade do Tathágata”.

O mendicante Subadra foi ao bosque de Upavartana e disse ao venerável Ananda:

“Mendicantes de minha Ordem, carregados de anos e de experiências, disseram-me que muito raramente aparece na terra um Buda. Diz-se que esta noite o asceta Gautama vai sair para sempre deste mundo, e embora minha mente esteja conturbada pela dúvida, tenho fé no asceta Gautama e creio que Ele será capaz de declarar-me a verdade e dissipar minhas dúvidas. Ser-me há permitido ver o asceta Gautama?”

O venerável Ananda respondeu:

— Basta amigo Subadra! Não importunes o Tathágata. Está fatigadíssimo.

Porém o Senhor Buda ouviu a conversa de seu discípulo com o mendicante, e disse à Ananda:

— Não impeças a entrada de Subadra. Deixa que me interrogue porque veio desejoso de aprender e não com o propósito de molestar-me. Compreenderá rapidamente.

Então, o venerável Ananda disse ao mendicante Subadra:

— Entra, amigo Subadra, pois o Bem-aventurado o permite. E o Senhor Buda instruiu a Subadra, que, feliz, lhe disse:

“Glorioso Senhor! Senhor gloriosíssimo! Excelentes são as palavras de tua boca, porque reordenam o subvertido, revelam o oculto, mostram o caminho reto ao viandante extraviado e acendem uma luz nas trevas para que todos possam ver, todos os que tiverem olhos.

Assim, Senhor, me deste a conhecer a Verdade, e refugio-me em Ti, no Dharma e na Ordem. Digna-te aceitar-me por discípulo até o fim de meus dias.”

E o mendicante Subadra disse ao venerável Ananda:

— Grande é o teu proveito, amigo Ananda, e muito boa foi a tua fortuna, por teres recebido durante tantos anos os ensinamentos dos próprios lábios do Mestre.

O Senhor Buda disse então ao venerável Ananda:

“Talvez alguns de vós pensem que se a palavra do Mestre desapareceu, não tereis mais Mestre.

Mas não deveis pensar assim. Certamente que já não voltarei a tomar corpo, porque venci a dor; porém, si Gautama Siddhartha morre, resta o Buda.

Que a Verdade e as regras da Ordem sejam vosso Mestre quando eu partir, e que a Ordem derroge, se convier, os preceitos de pouca importância.”

Depois, dirigindo-se aos Irmãos, o Senhor Buda prosseguiu: “Se algum de vós tem ainda alguma dúvida, que a exponha livremente, para que mais tarde não vos arrependais de não me haver perguntado enquanto eu estava entre vós.”

Os irmãos permaneceram silenciosos.

O venerável Ananda disse ao Senhor Buda:

— Certamente creio que entre todos os que aqui se encontram, não existe quem tenha dúvida ou receio algum acerca do Buda, da Verdade e da Senda.

E o Bem-aventurado respondeu-lhe:

“Pela fé que tens, Ananda, asseguro e sei que em toda esta assembléia ninguém duvida acerca do Buda, da Verdade e da Senda, porque todos estes irmãos têm a libertação final assegurada.

Ó discípulos! Se conheceis a causa do sofrimento, se obedeceis Dharma e seguis a Senda da salvação, talvez digais que o fazeis em respeito ao Mestre.”

Os irmãos responderam-lhe:

— Senhor, não o diremos.

E o Bem-aventurado prosseguiu:

— Dos seres que vivem encerrados na ignorância como num ovo, eu sou o primeiro que lhe rompe a casca e alcançou a iluminação. Assim, discípulos, sou a primícia desta humanidade.

— Assim é, Senhor.

E o Bem-aventurado acrescentou:

— A destruição é inerente ao todo composto; porém a Verdade durará sempiternamente. Trabalhai com afincamento por vossa libertação.

Estas foram as últimas palavras do Senhor Buda. Caiu em meditação e expirou tranqüilamente.

CONCLUSÃO

I — OS TRÊS ASPECTOS DO BUDA

Quando o Senhor Buda entrou no nirvana, os discípulos se reuniram em concílio para resolver o que deveria ser feito para manter-se pura a doutrina e não corrompê-la com heresias.

Upali, levantando-se, disse:

— Nosso insigne Mestre costumava dizer: “Ó discípulos! Depois de minha morte, respeitai e obedecei a lei, e que ela seja vosso Mestre. A Lei é lâmpada que brilha nas trevas para iluminar

a senda. Também é uma valiosa jóia para cuja aquisição não se deve poupar esforço algum, mesmo que seja com o sacrifício da própria vida. Obedecei a Lei que vos revelei, e respeitai-a escrupulosamente como a mim próprio.” Tais foram as palavras do Senhor Buda. E nesta Lei que Ele nos legou como riquíssima herança, lemos agora o corpo visível do Tathágata. Respeitemo-la e tenhamo-la como sagrada, porque de nada servirá edificar pagodes para as relíquias se não conservarmos o espírito dos ensinamentos do Mestre.

Em seguida Anurudha levantou-se e disse:

“Irmãos. Fixemos bem em nossa mente a idéia de que Gautama Siddhartha era a forma visível da Verdade. O excelso Sakiamuni é a encarnação da Verdade que nos ensinou, dizendo que a Verdade existia antes de vir Ele ao mundo, e continuaria a existir depois que Ele entrasse no nirvana. A Verdade está presente em todas as partes. É eterna. Fixemos bem em nossa mente que o Senhor Buda não nos ensinou uma lei circunstancial e subalterna, daquelas que prescrevem quando o tempo altera as circunstâncias em que foram promulgadas, senão a Lei imutável e eterna.

A Verdade não é arbitrária nem filha das opiniões dos homens; mas pode estar oculta, e encontrá-la-á quem a busque com ardor.

A Verdade está oculta para o cego de entendimento, mas a vê quem possui a visão mental.

A Verdade é a ciência do Buda, e ficará como pedra de toque para distinguir as doutrinas falsas das verdadeiras.

Aprendamos, pois, a Verdade, porque a verdade é o Buda, nosso Mestre, o instrutor e o Senhor nosso.

“Certamente falastes bem, irmãos, sem contradição de opiniões sobre o real sentido de nossa religião. Porque o Bem-aventurado tem três aspectos e cada um deles de igual importância para nós.

Um deles o Dharmakaya, outro o Nirmanakaya e o outro o Sambogakaya.

O Buda é a Verdade excelente, eterna, presente em todas as partes e imutável. Tal é o Sambogakaya, o estado de perfeita felicidade.

O Buda é o Mestre que ama todos os seres e assume a forma daqueles que Ele substitui. Tal é o Nirmanakaya, o corpo em que Ele se apresenta.

O Buda é o dispensador bendito da religião. É o espírito do Sangha e o sentido dos mandamentos que nos deixou sua palavra sagrada. Tal é o Dharmakaya, o corpo da excelsa Lei.

Se o Buda não se nos tivesse manifestado na pessoa de Gautama Siddhartha, como poderíamos possuir as tradições sagradas de sua doutrina? E se as futuras gerações não possuírem estas tradições sagradas conservadas no Sangha, como estes conhecerão o insigne Sakyamuni?

Nem nós nem ninguém conheceríamos a excelsa Verdade, porque aquele que tiver aberto os olhos espirituais, a descobrirá.”

Em seguida, os irmãos resolveram celebrar um concílio em Rajagriha, para expor as doutrinas puras do Bem-aventurado, examinar e coleccionar as Escrituras Sagradas e fixar o cânone que servisse como instrução para as gerações futuras.

II — O FIM DO SER

Quando no círculo do universo apareceram as formas tangíveis do Sol, da Terra e da Lua, a Verdade se movia no pó cósmico e iluminava o mundo com refulgente luz.

No entanto, ainda não havia olho que a visse, nem ouvido que a ouvisse, nem espírito que pudesse compreender seu sentido, nem lugar algum nos imensos espaços da existência onde ela pudesse residir em todo o seu esplendor. No transcurso da evolução, as formas viventes foram desenvolvendo um após outro os sentidos de percepção, e então surgiram os pares de opostos; o Eu ou o mundo subjetivo, e o Não-Eu ou mundo objetivo.

Assim as sensações nascidas da percepção engendraram o prazer com a conseqüente dor, e houve amigos e inimigos, ódio e amor. Mas a Verdade não pôde achar neste mundo de sensações uma morada onde residir em todo o seu esplendor.

Depois apareceu no reino humano a razão que deveria refrear os instintos da personalidade e valer-se das forças da natureza como meios para alcançar seus propósitos de aperfeiçoamento e progresso no caminho da evolução.

Entretanto, surgiu o conflito, a luta onde a natureza superior, ou a superioridade armada com a força da razão, e a natureza inferior, ou a personalidade que investe com o ímpeto formidável das paixões.

O homem foi lobo do próprio homem e se mataram para satisfazer vãs concupiscências, sem que a verdade pudesse encontrar nos domínios da razão um lugar onde residir com toda a sua glória, até que apareceu o Salvador, o Buda, o Mestre dos deuses.

E o Buda estabeleceu a paz entre a razão e o sentimento, ensinando os povos a verem as coisas tais como são e a agirem em obediência à Verdade, que então encontrou lugar onde residir em todo o seu esplendor.

Ó Buda, o Bendito, o Santo, o Perfeito. Revelaste a Verdade e estabeleceste Teu reino neste mundo.

Pois não havia lugar para a Verdade no espaço infinito. Não havia, não há nem pode haver lugar para a Verdade na sensação, nem em seus prazeres e dores.

Também não havia, não há, nem pode haver lugar para a Verdade no raciocínio, porque o raciocínio é arma de dois gumes, que tanto pode brandir o ódio como o amor.

O raciocínio é o escabelo da Verdade porque sem a razão não é possível alcançá-la, porém não é a residência da Verdade.

O trono da Verdade é a justiça, e o Amor seu ornamento. A justiça é morada da Verdade.

Este é o evangelho do Buda. Esta é a revelação do iluminado. Esta é a Lei do Santo. Os que aceitam a Verdade e a praticam, refugiam-se no Buda, no Dharma, no Sangha.

Ó Senhor Bendito! Ó potente libertador! Tu que nos amas, em Teu nome e em Ti refugiamos.

Refugiamo-nos em Tua Lei e em Tua regra.

Recebe-nos, ó Buda, no número de teus discípulos de hoje até o fim de nossos dias.

Alivia, ó Santo Instrutor, compassivo e amoroso, a todos os seres, aos aflitos, aos oprimidos pela dor. Ilumina os obcecados e aumenta-nos o entendimento e a santidade.

A Verdade é o fim e o objetivo de toda a existência. Os mundos nascem para morada da Verdade.

Quem não aspira a posse da Verdade, perde o propósito da vida.

Bem-aventurado quem repousa na verdade, porque todas as coisas perecerão e a Verdade permanecerá sempre.

O mundo está construído pela Verdade, porém os maus pensamentos desnaturam o estado natural das coisas e criam o erro, filho protervo da ilusão.

O erro pode assumir variedades de formaslouvaminheiras, porém contém germes da destruição.

A Verdade jamais varia. É imutável Domina a morte. A ilusão, o erro e a mentira são abortos de Mara e têm vigoroso poder para enganar aos homens e extraviá-los da senda da salvação.

A ilusão, o erro e a mentira assemelham-se a um barco de madeira carcomida, e todos os que nele embarcaram estão condenados a naufragar.

Muitos se apegam ao erro, e quando caem nas redes do egoísmo, da luxúria e dos desejos; sinistros, lamentam sua infelicidade.

Contudo, todo ser vivo aspira à Verdade, porque só a Verdade é capaz de curar nossos males e acalmar nossa inquietude.

A Verdade é a essência da Vida, porque a vida persiste depois da morte do corpo. A Verdade é eterna e subsistirá, embora desapareçam céus e terras

Não há no mundo várias Verdades, porque ela é uma e a mesma Verdade em todo o tempo e lugar.

A Verdade nos mostra a senda da retidão. Felizes são os que seguem esta senda.

III — LOUVOR AOS BUDAS

Maravilhosos e gloriosíssimos são todos os Budas. Não existem iguais no mundo.

Ensinam-nos o caminho da Vida.

Saudamos sua chegada com inebriado respeito. Todos os Budas ensinam a mesma Verdade.

A Verdade encaminha os extraviados.

A Verdade é nossa esperança e nosso sustentáculo.

Recebemos felizes e agradecidos a sua luz, que nada pode extinguir. Todos os Budas são da mesma essência.

A essência de todos os seres.

A essência que santifica os laços entre todas as almas.

E temos fé na felicidade do supremo refúgio. AUM! Paz a todos os seres!

FIM